

REVISTA MULEMBA

Revista Científica - ISSN: 2176-381x



30
v.16
2024

 Faculdade de Letras
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

LETRAS
50
ANOS
UF RJ





MULEMBA



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v. 16, n. 30, jan-jun, 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Dr. Roberto de Andrade Medronho

Vice-Reitora

Dra. Cássia Curan Turci

FACULDADE DE LETRAS

Diretora

Dra. Sônia Cristina Reis

Diretor Adjunto de Ensino de Graduação

Dr. Humberto Soares da Silva

PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Diretora Adjunta de Pós-Graduação e Pesquisa

Dra. Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

Vice-Diretor de Pós-Graduação e Pesquisa

Dr. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS VERNÁCULAS

Coordenadora

Dra. Eliete Figueira Batista da Silveira

Substituta eventual

Dra. Violeta Virgínia Rodrigues

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

Chefe do Departamento

Dra. Ana Paula Victoriano Belchor

Substituta Eventual

Dra. Beatriz Protti Christino

SETOR DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Supervisor

Dra. Vanessa Ribeiro Teixeira

Conselho Editorial

Ana Paula Ribeiro Tavares (Univ. Lisboa), Ana Mafalda Leite (Univ. Lisboa), Benjamin Abdala Júnior (USP), Carmen Lucia Tindó Secco (UFRJ), Conceição Lima (São Tomé e Príncipe), Edna Maria dos Santos (UERJ), Elena Brugioni (Unicamp), Elisalva Madruga (UFPB), Filomena Malva (My Angola), Francisco Noa (UEM), Glória Brito (CLEPUL), Inocência Mata (Univ. Lisboa), Jane Tutikian (UFRS), Júlio Machado (UFF), Laura Cavalcante Padilha (UFF), Livia Apa (Univ. Nápoles), Lourenço do Rosário (A Politécnica, Moçambique), Jorge Vicente Valentim (UFSCAR), José Octavio Van-Dúnem (Univ. Agostinho Neto, Angola), Margarida Calafate Ribeiro (Univ. Coimbra), Maria Geralda de Miranda (UNISUAM), Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC/MG), Maria Odete Semedo (Guiné-Bissau), Mário César Lugarinho (USP), Maximiliano Torres (UERJ), Nazir Ahmed Can (Universitat Autònoma de Barcelona), Pires Laranjeira (Univ. Coimbra), Renata Flavia da Silva (UFF), Rita Chaves (USP), Silvio Renato Jorge (UFF), Simone Caputo Gomes (USP), Tania Macêdo (USP), Vânia Chaves (Univ. Lisboa), Vera Duarte (Cabo Verde).

Editores Executivos

Carmen Lucia Tindó Secco – UFRJ (*campus* Fundão) – CNPq, FAPERJ
Vanessa Ribeiro Teixeira – UFRJ (*campus* Fundão)

Editores Colaboradores

Beatriz de Jesus Santos Lanziero – ISERJ
Fernanda Antunes Gomes da Costa – UFRJ (*campus* Macaé)
Gabriel Dottling Dias – UFRJ (*campus* Fundão)
Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves – Colégio Pedro II
João Vítor Sanches da Matta Machado – UFRJ (*campus* Fundão)
Júlia Goulart da Silva – UFRJ (*campus* Fundão)
Maria Geralda de Miranda – UNISUAM
Marlon Augusto Barbosa – UFF, bolsista Pós-Doutorado na UFRJ

Tradutores

João Victor Sanches da Matta Machado – UFRJ
Ester Moraes Gonçalves – UFRJ

Organizadores da Mulemba volume 16, nº 30 de 2024

Ana Mafalda Leite – Universidade de Lisboa, Portugal
Carmen Tindó Secco – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Celso Muianga – Fundação Fernando Leite Couto, Maputo, Moçambique
Sara Laisse – Universidade Católica de Moçambique, Maputo, Moçambique

Correspondência

Revista Mulemba

Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – Cidade Universitária – Ilha do Fundão
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
21941-590
E-mail: revistamulemba@letras.ufrj.br

Dados para catalogação

Mulemba – Revista do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ.
A Revista Mulemba é uma revista semestral, disponibilizada exclusivamente em meio eletrônico,
podendo ser acessada pela URL: <https://www.revistas.ufrj.br/index.php/mulemba>

Rio de Janeiro, UFRJ, v.16, n. 30, jan. – jun., 2024.

Periódicos. 1. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Divulgação da Cultura e das Letras Africanas; Debate Crítico e Democrático

ISSN 2176-381X

Design e Diagramação

Editora Letra1 | <https://www.editoraleta1.com>



MULEMBA

SUMÁRIO

Apresentação

Fernando Leite Couto, poeta dos “olhos deslumbrados” Ana Mafalda Leite, Carmen Tindó Secco, Celso Muianga, Sara Laisse	7
--	---

Vozes da família: Memórias, saudades, admiração

O legado de meu pai Fernando Amado Couto	11
--	----

A varanda sobre o tempo Mia Couto	15
---	----

Visitas e cartas – memórias do meu avô Madyo Couto	17
--	----

O meu avô presente em mim Maura Couto	19
---	----

Palavras de poetas

Ao Fernando Couto. Uma rosa feita amor, um espinho feito dor Sónia Sultuane	20
---	----

Um epicédio ao poeta Fernando Couto Adelino Timóteo	22
---	----

Depoimentos

Fernando Couto: Esboço para um retrato António Sopa	26
---	----

Fernando Couto Nélson Saúte	48
---------------------------------------	----

Fernando Couto: Relação entre o homem, a cultura e a sociedade Rui Rocha	56
--	----

O legado na área do Jornalismo Simão Anguilaze	58
--	----

Dizeres da crítica

O campo visual de Fernando Couto José dos Remédios	60
--	----

Um pequeno tríptico literário: “Olhos deslumbrados”, de Fernando Couto Edimilson Moreira Rodrigues	66
--	----



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464834, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464834

Apresentação

Fernando Leite Couto, poeta dos “olhos deslumbrados”

Ana Mafalda Leite¹

Carmen Tindó Secco²

Celso Muianga³

Sara Laisse⁴

¹Universidade de Lisboa, Portugal.

²Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

³Fundação Fernando Leite Couto. Maputo, Moçambique.

⁴Universidade Católica de Moçambique, Maputo, Moçambique.

*São estes ainda,
os olhos da infância,
deslumbrados, deslumbrando-se
aos milagres da vida*¹

Em comemoração ao centenário de nascimento do poeta Fernando Leite Couto, ocorrido em 16 de abril de 2024, este dossiê homenageia esse homem da cultura e das artes de Moçambique, cujas feições são várias: poeta, cronista, jornalista, editor, incentivador das letras moçambicanas. Tendo em vista essa multiplicidade de facetas do autor, este número 30 da Revista *Mulemba* se apresenta de forma inteiramente original, reunindo depoimentos afetivos de parentes, testemunhos de amigos, poetas, alunos, todos admiradores da riqueza imensa e da conduta impecável de seu percurso como intelectual, artista e ser humano, cuja vida foi sempre dedicada aos outros, aos oprimidos, à cultura e às artes em geral.

¹ COUTO, Fernando. Olhos Deslumbrados. *In: Os olhos deslumbrados*. Maputo: Central Impressora e Editora de Maputo (CIEDIMA), 2001. p. 13.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

Celebrando a trajetória existencial, artística e profissional desse homem, cujos legados foram inúmeros, organizamos o dossiê em quatro momentos: “Vozes da Família”, “Palavras de Poetas”, “Depoimentos” e “Dizeres da Crítica”. O primeiro momento é constituído pelos textos de dois de seus filhos, Fernando Amado Couto e Mia Couto, e pelos netos Madyo Couto e Maura Couto. No texto intitulado “O legado de meu pai”, Fernando Amado, o primogênito, ressalta a importância da educação paterna na sua formação profissional, em sua conscientização política e na atração pelas livrarias e e na atração pelas livrarias e livros, pelo valor inestimável que estes representavam. livros, pelo valor inestimável que estes representavam. Na sequência, vem o texto “A varanda sobre o tempo”, da autoria de Mia Couto, o segundo filho, herdeiro da verve jornalística e, sobretudo, da veia poética do pai, deslumbrando-se, como este, com os milagres da poesia e com a imagem paterna reencontrada em si mesmo. Em continuidade, vozes mais jovens da família se fazem ouvir: a de Madyo Couto, em “Visitas e cartas – memórias do meu avô”, e a de Maura Couto, em “O meu avô em mim”, que, saudosos, relembram lições do avô, cuja serenidade lhes ensinou o respeito ao meio ambiente, à preservação e à contemplação da natureza.

No segundo momento do dossiê, “Palavras de Poetas”, Sónia Sultuane e Adelino Timóteo proferem mensagens de louvor e agradecimento pelo muito que aprenderam com a imensa sensibilidade de Fernando Couto. Sónia, em “Uma rosa feita amor, um espinho feito dor”, citando *Omar Khayyam*, oferece a flor amorosa, enxertada em seu coração, ao Mestre Couto, com quem dialogou muito sobre poesia. Adelino, por sua vez, em “Um epicédio ao poeta Fernando Couto”, o adota como “pai da poesia”, gabando os ensinamentos recebidos acerca do fazer poético que o fizeram compreender a importância constante de burilar a linguagem de seus versos. Profundamente reconhecido por tantos bens auferidos, exalta a trajetória literária de Fernando Couto nos jornais da Beira e a enorme sabedoria desse grande mestre da poesia, conhecedor e divulgador de poetas de várias partes do mundo: Mayakovski, Antero de Quental, Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, Aragon, Eluard, António Machado, entre outros.

Em “Depoimentos”, as feições de Fernando Couto como jornalista, editor, homem de cultura, tradutor e poeta são lembradas por amigos que lhe traçam um perfil minucioso. António Sopa, com olhar profundo de historiador, em seu texto “Fernando Couto: Esboço para um retrato”, traz muitas curiosidades e informações preciosas não apenas sobre a história e a geografia da Beira, mas também sobre o movimento intelectual beirense, do qual Fernando Leite Couto, quando chegou a Moçambique e fixou residência na referida cidade, participou ativamente como jornalista, poeta, cronista, tendo publicado muitos poemas, crônicas e textos literários no jornal local *Notícias da Beira*, alguns dos quais se encontram como anexos ao final do depoimento de A. Sopa.

O poeta, escritor e jornalista Nelson Saúte expressa também sua enorme admiração por Fernando Couto, fazendo um depoimento de suas vivências junto ao jornalista, poeta, tradutor e editor, com quem muito se enriqueceu profissional e poeticamente. O sensível e detalhado depoimento de Saúte traça um amplo painel, comentando os ensinamentos

de Fernando Couto na Escola de Jornalismo, na Editora Ndjira e em outros convívios. Chama atenção para a leveza das metáforas e imagens do lirismo de F. Couto, elogiando-lhe a sabedoria, a elegância, a humildade e as exigências da qualidade estética da própria poesia e da produzida por jovens poetas que tanto incentivou durante toda a vida.

Rui Rocha, atual diretor da Editora Alcance, em Maputo, dá seu depoimento como editor, destacando a importância das relações de Fernando Couto com o ser humano, com a cultura, com a sociedade, tendo deixado uma extensa obra escrita e uma herança editorial histórica para Moçambique.

Ao final do terceiro bloco, Simão Anguilaze, antigo aluno de Fernando Couto na Escola de Jornalismo, tece memórias, recordando fatos do passado que foram fundamentais para sua profissão de jornalista no presente. Lembra que foi escolhido por F. Couto para chefiar a biblioteca da escola e isso o transformou, profundamente, pois aquele espaço passou a ser o seu local privilegiado de estudo e lazer.

O quarto momento do dossiê é a vez dos “Dizeres da Crítica”, sendo estes constituídos por dois artigos: o de José dos Remédios, crítico de arte e de literatura moçambicano, e o de autoria de Edimilson Moreira Rodrigues, professor de Estudos Africanos da Universidade Federal do Maranhão. José dos Remédios, em seu artigo “O campo visual de Fernando Couto”, tendo por base de análise *Os olhos deslumbrados* (2001) e *Monódia* (1987), demonstra ser a obra de F. Couto um exercício sobre as representações imagéticas dos espaços e sobre o campo visual dos sujeitos poéticos, o que confere à poesia do autor uma riqueza ambiental afetiva.

O artigo de Edimilson Moreira Rodrigues interpreta o poema “Olhos Deslumbrados”, de Fernando Couto, como um pequeno “retábulo de palavras”, um tríptico artístico dividido em três momentos, todos vinculados à metáfora do olhar da criança, símbolo de pureza da infância ainda não contaminada por sentimentos negativos. Edimilson, em sua leitura, realça a força emanada da poesia de Fernando Couto, enfatizando o poder de seus versos, capazes de apreender diversas sensibilidades existentes no mundo.

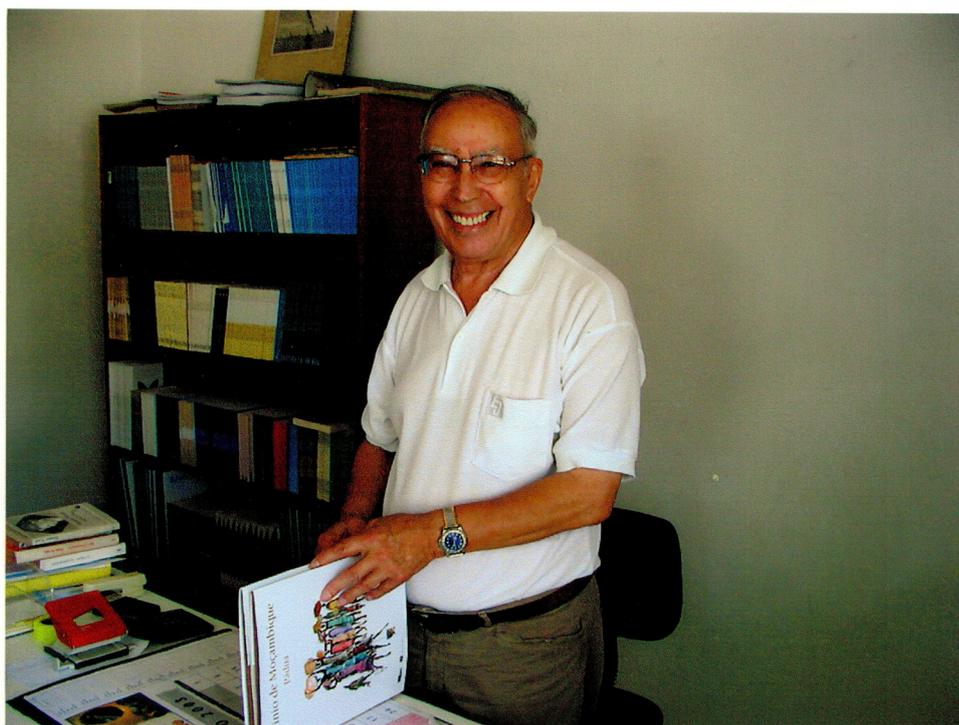
Para encerrar, trazemos nós, os organizadores do dossiê, algumas palavras que, no fundo, reafirmam tudo que já foi dito. Fernando Couto tinha a delicadeza dos grandes Poetas, a humildade dos que sabem muito, o inconformismo diante das desigualdades sociais, a generosidade de dar aos outros a paixão de quem ama a vida e se deslumbra com a beleza das artes, da natureza e, principalmente, da poesia, definida, assim, por ele, no poema “Quero-te, Poesia!”:

*O rumor audível
de um fio de água
deslizando breve.
A leve carícia
afloando o rosto
com pudor de ternura.*

*A melancolia do adeus
inevitável e definitivo.
O bramido da cólera
dos ofendidos e humilhados
com o vigor do vento
nos altos montes
ou tão só o choro silencioso².*

Os organizadores

Lisboa, Rio de Janeiro, Maputo, 16 de abril de 2024.



² COUTO, F. *Op. Cit.*, p.14.



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464829, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464829

Dossiê

Vozes da família:

Memórias, saudades, admiração

O legado de meu pai

Fernando Amado Couto¹

– Escrever um texto alusivo ao centenário do nascimento do meu pai, Fernando Leite Couto, trata-se de uma tarefa complexa, dada a diversidade da sua vida. Como homem, como cidadão, como escritor, como poeta, como jornalista, como editor, e sobretudo como pai. Entre essas diferentes facetas escolhi a do pai e do seu legado, recorrendo a alguns episódios da nossa vida.

Era o ano de 1962. Na pequena e inquieta redacção do *Notícias*, na cidade da Beira, com o barulho do matraquear ritmado do bater das teclas das máquinas de escrever, o meu pai chamou-me para ler o título de um jornal estrangeiro. Na primeira página, destacava-se um título em letras garrafais: “ARGÉLIA INDEPENDENTE”. No seu habitual tom

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

¹ Fernando Amado Leite Couto é o filho primogênito de Fernando Leite Couto. Formado no Curso de Direito na Universidade de Lisboa e pós-graduado na Business School da Universidade de Cape Town. Jornalista, empresário, autor de dois livros: *O direito do mar e O fim do império e a construção da nação*. Membro fundador da Fundação Fernando Leite Couto. Galardoado com vários prémios no sector empresarial.

de voz sereno, mas determinado, comentou: *Filho, isto é o que tem de acontecer em Moçambique*. E mais não disse. Palavras que marcaram a minha vida, de um jovem que tinha acabado a escola primária. Que me acompanharam até que esse objectivo fosse alcançado em 1974.

Nesse mesmo ano, chegou a família a Paris de férias, exaustos de uma viagem de comboio inacabável, repleta de peripécias inesperadas. Talvez dessa viagem ter-me-á ficado a minha afeição profissional pela ferrovia. Esperava-o, na *Gare do Norte*, Valeriano Ferrão, amigo e colega da Beira. E, os dois iniciaram uma caminhada, ao longo da gare, num infundável vai e vem, sendo eu obrigado a acompanhá-los e escutar uma conversa quase indecifrável, mas que retenho o conteúdo base. A mensagem era clara: devíamos aproveitar a nossa estadia e partir para Dar-Es-Salam para juntarmo-nos à FRELIMO, movimento de libertação que tinha sido formado pouco antes e que conduziu, em 1974, o país à independência. No final da longa conversa, transido de frio, meu pai, segredou-me: *não ouviste nada e o que ouviste fica para sempre contigo e só contigo*. Confesso que só anos mais tarde percebi qual teria sido o teor da conversa. Meu pai resistiu à tentação, mas para nós o nome da capital da Tanzânia ficou para sempre marcado, como um símbolo da esperança. Não uma utopia, mas uma certeza.

A nossa infância e juventude, na cidade da Beira, com diferentes residências entre a fronteira da cidade de cimento e dos subúrbios da urbe, foi marcante, pela peculiaridade da nossa juventude agitada e demasiado criativa. Marcada por uma mãe sempre presente e por um pai praticamente quase ausente, no conceito e responsabilidade tradicional do papel de pai na família tradicional dessa época. No entanto, a sua presença fez-se sentir doutras formas. Numa sociedade colonial, guardarmos segredos que muitos poucos jovens como nós sabiam. Esta foi uma das parcelas do legado do meu pai – o transmitir a sua força interior, os valores da liberdade, de pensarmos por nós próprios e ter o sentido de servir a sociedade.

Durante os meus tempos de juventude, como filho mais velho, tinha a tarefa, hoje digo o privilégio, de o acompanhar quase diariamente. Desde os tempos em que foi funcionário da majestática empresa dos Caminhos de Ferro de Moçambique, na visita diária às livrarias da cidade, onde ficava sentado no chão, lendo os livros do Tintin, enquanto ele tinha intermináveis conversas com os seus amigos. Mesmo aos diferentes acontecimentos sociais em que ia, enquanto jornalista. Ficou-me mais uma parte do seu legado: a atracção pelas livrarias e sobretudo pelos livros. Pelo valor inestimável que o livro e seus autores representavam. Da organização da sua biblioteca, carregada com clássicos da literatura, desde os escritores europeus como Camus, Malaparte, Moravia, aos escritores americanos da escola de William Faulkner até aos desiludidos com o verdadeiro modelo que o comunismo soviético representava. Mas entre todos havia uma clara distinção: o lugar dos livros de poesia.

Essa biblioteca servia, provavelmente na falta de televisão, para uma leitura, depois do jantar, de textos de poesia nos serões quentes e húmidos da cidade da Beira. Lia, não declamava, poemas acompanhados pelas vozes melodiosas de Earth Kid, Mahalia Jackson, Paul Robson, Joan Baez, entre outras do mesmo género. Não que o meu pai fosse melómano. Era não só um péssimo cantor, com pouco ouvido para a música, mas admirador desses estilos musicais, que contrastavam com os nossos gostos musicais da juventude, mais do rock e dos grupos que nasceram e populararam nos anos sessenta.

Ficou-me na espuma da memória o dia em que os seus amigos da esplanada do café “Capri”, local de encontro dos oposicionistas (desde monárquicos a comunistas), unidos num jogo misterioso chamado de “31” e fazendo comentários graciosos sobre as belezas femininas que ousavam passar no passeio, invadiram, com grande precipitação e agitação, a nossa tranquila casa, falando apressadamente com a minha mãe. Tudo se passava na ausência de meu pai.

Foram directos às estantes, escolhendo vários livros “sagrados” e, para nosso espanto, os regaram, com petróleo, queimando-os no quintal. Olhava incrédulo para o meu irmão Mia, ambos sem percebermos o que estava a acontecer. Saíram com a mesma pressa com que entraram e, em unísono, deixaram-nos um apelo de calma. Então, a nossa mãe, numa voz conformada, mas bastante apreensiva, chamou-nos e deu a explicação: o nosso pai estava preso pela PIDE, órgão de repressão política do regime colonial. E depois de um longo silêncio, desabafou: *eu bem o avisei*. E chorou. Nós, na nossa ignorância, perguntamos-lhe o porquê da sua prisão: se havia porventura roubado, ou mesmo matado alguém. Ela respondeu-nos: *Não, meus filhos, é a maldita da desgraçada política em que ele anda metido. Vamos é jantar*, tentando desvalorizar o seu estado de alma.

Dois dias depois, na sua calma habitual e no seu passo curto e rápido, regressou a casa. Sentou-se tranquilo num sofá da sala, fumando vagarosamente o seu cigarro. Perguntamos o que tinha ele feito para ter sido preso e o que tinha acontecido durante o tempo da sua detenção. E a resposta foi a sua habitual interjeição: *Oh*. E, nunca mais se falou nesse assunto.

Após a queda do regime colonial, contrariamente a uma minoria de colonos brancos, que rapidamente fizeram um travesti político, passando de defensores intransigentes do colonialismo a fervorosos independentistas, nunca se vangloriou de ter sido preso político, dos seus artigos terem sido cortados ou censurados, ou mesmo de ter sido despedido enquanto jornalista, tendo ficado por algum tempo desempregado pela publicação de um artigo que escapou às malhas da censura, mas não ao olhar atento de figura grada ministerial da então “metrópole”. Só depois da sua morte, através de familiares em Portugal, soubemos mais em detalhe do seu passado político.

Aliás, num dos seus poemas com o título “Declaração de Princípios”, ele escreveu claramente sobre o seu percurso de vida que seguiu de forma coerente:

(...)

Irei convosco no vosso meio contaminado
pelo vosso ódio das raízes mergulhadas sem fim
irei com os vossos olhos postos no peito dos inimigos
e não ousarei talvez encará-los nos rostos
fecharei a minha porta à névoa da piedade
e direi a mim mesmo que sou incorruptível
e deixarei de ser um bloco de divergentes peças
nesse dia irei convosco por nada faltarei
pois estaria já morto se faltasse entre vós.²

E adianta na sua Declaração:

II

Depois não estranheis ó meus meus amigos
se eu não me sentar no festim da vitória
ou não estiver presente até ao final
e sair por entre os mortos fechando os olhos
e compondo queixos, pernas e braços
não estranheis que não cante as marchas guerreiras triunfais.³

O meu pai foi um educador. Confesso que foi de forma bem mais activa para os outros do que para nós, os da casa. A nossa educação escolar era deixada ao cuidado da nossa mãe. Nos últimos anos da sua vida, passava horas a fio lendo textos de futuros escritores da nossa sociedade. Sugerindo emendas, corrigindo os erros ortográficos e de sintaxe. Tal como no jornalismo, a escrita do português era para ele essencial. Com orgulho, nos dias de hoje, ouvimos que deixou escola, que muitos foram formados por ele. Deixando-nos um peso de responsabilidade de continuidade. Felizmente recaiu ao meu irmão Mia, que seguindo o seu caminho de jornalista e escritor, tornou realidade a intuição que o Fernando Couto tinha e via nele como escritor. Hoje com um renome internacional. As raízes da escrita do Mia, sobretudo nos seus primeiros livros, passaram pela vivência da nossa juventude, muitas, para desespero da nossa mãe, e quando as contamos aos nossos filhos e nossos netos, todos acham que, pelo seu conteúdo, se trata de puro imaginário fantástico.

² COUTO, Fernando Leite. *Jangada de inconformismo*. Beira: Edição do *Notícias da Beira*, 1962, p. 68.

³ *Idem*, p. 69.

De quando em quando, vou à sepultura dos meus pais. Sita numa aldeia no norte de Portugal. Num sítio ermo. No cimo de um monte. Deserto. Gelado no inverno e florido e quente no verão. Detenho-me junto da lápide e reflecto sobre as duas figuras, tão diferentes, mas tão juntas na vida e jazendo naquele pedaço de terra. Descobri a razão pela qual o meu pai decidiu ficar enterrado nesse desterro. Longe do mundo mundano, junto do cântico dos pássaros e perto das diferentes estações do ano. A saudade deles pesa-me. Mas inspira-me. E o silêncio cai sobre mim e sinto-me mais homem. Mais filho de quem sou. E despeço-me mais feliz.

A varanda sobre o tempo

Mia Couto⁴

A grande avenida separa-me do mundo. O meu pai acabou de ser enterrado e eu preciso dessa irreparável fronteira. Se a vida o levou, não quero que ela compareça se não for para o trazer de volta. Fui para a rua porque a casa me parecia ao mesmo exígua e demasiada. E a cadeira onde ele passou os seus últimos dias não cabia agora dentro das quatro paredes. Foi por isso, ou por razão nenhuma, que decidi sair de casa e me pus a caminhar sem rumo pelas ruas de Maputo.

De repente, percebo que, do outro lado da avenida, há um aceno vago, um vulto no meio da neblina. Alguém chama pelo meu nome. E como não lhe desse atenção, o vulto cruzou a avenida e foi ganhando contorno e voz. A uns dois metros, o homem parou, cruzou as mãos em frente do ventre e esperou que eu erguesse o rosto. Ainda pensei que iria repetir uma dessas mensagens de conforto, uma palavra vazia, mas de intenção carinhosa, um abraço solidário, mas com calculada solenidade. Nada disso. Ele murmurou como se temesse ser escutado.

– *O seu pai não partiu*, disse ele. Depois deu um passo em frente e colocou a mão sobre o meu peito. – *Ele está aqui*. E bateu suavemente no meu ombro como se tocasse em vidro – *Você é o seu pai*.

Virou costas e dissolveu-se por entre a multidão. Fiquei suspenso como um ateu olhando um anjo em pleno voo. Quando voltei a pisar o chão já eram do meu pai os pés que levavam o meu corpo. Fernando Couto, o nosso velho pai, não deixou herança. Mas eu herdara-o inteiro em mim.

⁴ Mia Couto, pseudónimo literário de António Emílio Leite Couto, segundo filho de Fernando Leite Couto. Nasceu em Moçambique, graduou-se em Biologia, trabalhando como biólogo. Como escritor e poeta dispensa apresentações, sendo reconhecido nacional e internacionalmente pela extensa obra literária publicada, consagrada por inúmeros prêmios e leitores. Membro fundador da Fundação Fernando Leite Couto.

Aquele homem anónimo que cruzou a avenida trouxe-me o conforto de que eu mais carecia: a certeza de uma eternidade. Não havia despedida, não havia ausência. O que prevalecia era o eterno regresso de quem nunca chegou a partir. Fernando Leite Couto, esse poeta que não encontrou pátria em nenhum lugar, acabou por se exilar em nós, os seus filhos, repartido em doses certas de silêncio. Esse mesmo silêncio que ele, com o seu modo delicado de estar no mundo, tão bem sabia moldar nos seus versos.

O primeiro poema que escrevi, com quatorze anos, foi para ele. Roubou-o do meu caderno e publicou-o no jornal da cidade. Disse-lhe que me sentia magoado, que aquilo apenas a mim me pertencia. – *Então porque lhe deste o título “Poema para o meu pai?”*, argumentou ele. E estava certo. Num certo verso, esse poema dizia: “... e porque não sabia o que fazer com o tempo meu pai levava as suas longas mãos para a varanda...”⁵

Poucos dias depois da publicação desse poema, a nossa família comprou bilhetes para assistir a um recital de uma famosa declamadora de poesia que vinha de Portugal. Os preparativos foram os da tomada de posse de um presidente. A nossa mãe mandou-nos ao barbeiro e vestiu-nos a rigor. No final do recital, a artista anunciou que ia ler um poema que acabava de tomar conhecimento no jornal da nossa cidade. Quando percebi que eram os meus versos eu, que era a timidez em pessoa, afundei-me no assento e odiei o meu pai que, na cadeira ao lado, tinha os olhos míopes rasos de vaidade.

Cinco décadas depois, escrevi um outro poema depois de vaguear pela cidade e ter sido abraçado pelas palavras de homem anónimo que me disse. – *Você é o seu pai*. Aquelas palavras confirmavam o lugar eterno dessa varanda onde eternamente conversamos. E aqui deixo esse outro poema que escrevi com as mãos que são mais dele do que minhas:

O habitante
Se partiste, não sei.
Porque estás, tanto quanto sempre estiveste.
Essa tua, tão nossa, presença
enche de sombra a casa
como se criasse, dentro de nós, uma outra casa.
No silêncio distraído de uma varanda
que foi o teu único castelo,
ecoam ainda os teus passos
feitos não para caminhar mas para acariciar o chão.
Nessa varanda te sentas
nesse tão delicado modo de morrer

⁵ COUTO, Mia. “Poema para meu pai” (datado de 1971). Beira, publicado no *Jornal. Notícias*, Ano XLVIII, n. 15899; Lourenço Marques, 19-9-1973, p. 7. *apud* ANGIUS, Fernanda e ANGIUS, Matteo. *O desanoitecer da palavra*. Mindelo: Embaixada de Portugal, 1998, p. 22.

como se nos estivesse ensinando um outro modo de viver.
Se o passo é tão celeste
a viagem não conta
senão pelo poema que nos veste.
Os lugares que buscaste
não têm geografia.
São vozes, são fontes,
rios sem vontade de mar,
tempo que escapa da eternidade.
Moras dentro,
sem deus nem adeus⁶.

Visitas e cartas – memórias do meu avô

Madyo Couto⁷

Antes mesmo de abrirem a porta, ouvia a minha avó. “Ó Nando!”. Aquela voz carregada de tanto amor que fazia o corpo iluminar de alegria. “*Onde deixaste as chaves?*”.

Visitar os meus avós era sempre um encanto. Assim que entrava, a vó Zus distribuía beijos por toda a minha cara. As suas mãos abraçavam as minhas, e me conduzia casa a dentro. Do corredor, surgia o meu avô, arrastando os pés como se estivessem ainda a tentar encaixar os dedos no chinelo. “*Olha o perigoso!*”, o seu cumprimento habitual.

Sentávamos na sala, e pouco depois a vó Zus reaparecia com um tabuleiro. Um copo de leite gigante, e uma sandes de queijo tão grossa, que não se sabia qual das fatias era o pão e qual o queijo. Conversávamos sobre tudo. A escola, as namoradas, as férias, e sobre o que se passava no mundo. Quase sempre a conversa levava a que o meu avô trouxesse do seu escritório um dossier com recortes de jornais. Ficava impressionado com a capacidade que tinha de ter acesso a uma diversidade de jornais. Dizia-me para ler sempre diferentes jornais, e de preferência a mesma notícia escrita de uma outra perspectiva. Algo que parece ser bastante relevante nos dias de hoje. Há cada vez mais jornais e menos verdades.

⁶ COUTO, Mia. *Vagas e lumes*. Lisboa: Caminho, 2014, p.14-15.

⁷ Madyo Dawany Nunes Couto é neto de Fernando Couto, filho mais velho do escritor Mia Couto. Nasceu em Maputo. Mestre em Conservação pela Universidade de Cambridge em 2013 e graduado em Ciências Ambientais pela Universidade de Cape Town em 2000. Escreve contos, tendo colaborado durante anos com *Índico*, revista de bordo da LAM.

“*Guardei esta notícia para ti.*”. Passava-me um pedaço do jornal recortado e colado numa folha de papel. Por cima do artigo, viam-se imensos rabiscos com a sua letra a corrigir erros. Vírgulas mal estacionadas, letras maiúsculas em lugares impróprios, adjectivos inadequados. Esta sua capacidade de olhar com profundidade o conteúdo da notícia, sem perder o rigor de uma escrita correcta foi provavelmente das características que o levaram a ser editor e a rever inúmeros textos e publicações.

Não me lembro como terá iniciado. Mas quando eles partiam para São Cosmado, a aldeia da minha avó, começamos a trocar cartas. Primeiro eram pequenos relatos de coisas mais banais que aconteciam na escola, as disciplinas que gostava, as brincadeiras que fazíamos na rua. Com o tempo fui ganhando coragem para partilhar, dentro do envelope, pequenas histórias e poemas que fazia. Quando regressava e o visitava em sua casa, ele trazia o envelope, tirava o papel com a história ou poema, e me mostrava os erros que tinha assinalado. Nunca o fazia com as cartas. Essas pareciam ser as únicas isentas de qualquer avaliação gramatical. Foi através dessas cartas que a nossa relação se fortaleceu e moldou minha forma de pensar. As suas palavras incentivavam a debater assuntos, construir argumentos e ter a humildade de reconhecer os erros.

Uma das coisas que adorava na sua casa eram os vários pedaços de ramos contorcidos que tinha um pouco por todo o lado. “Não parece um bailarino?”, perguntou o meu avô olhando para o ramo com um sorriso de admiração. Eu acenava a concordar, enquanto escondia um riso, pois não vira qualquer semelhança. Hoje, anos mais tarde, sou eu que faço a mesma coisa. Os pedaços de ramos no chão parecem revelar histórias e contos, e me encantam. Os padrões das suas ranhuras, a superfície suavizada pelo vento, clareada pelo sol.

Nas poucas ocasiões que passeamos juntos na natureza, enquanto os outros seguiam o caminho a passos rápidos, eu deixava-me ficar para trás com o meu avô. Apanhávamos pauzinhos e ficávamos a seguir o carreiro de térmitas a subir pelo tronco das árvores. Aqueles momentos, junto com ele, pareciam não ter o conceito de tempo e deixaram em mim uma grande influência na forma de olhar o mundo. Muito provavelmente o rumo que segui profissionalmente foi inspirado também pelo meu avô.

Quando ficamos sozinhos os dois, em São Cosmado, o meu avô chamou-me para a cozinha. A sua cara parecia querer anunciar uma notícia trágica. “*A tua avó teve de sair por uns dias. Então vamos ter de cozinhar.*”. Acho que adivinhando a possível tragédia de ter o meu avô a cozinhar, uns familiares trouxeram para a nossa casa uma pequena marmita. Assim que se despediram, antes mesmo de fecharem a porta, o meu avô tirou um velha garrafa de vinho tinto, e bebi com ele o meu primeiro copo de vinho. Naquele brinde, compartilhávamos um entendimento implícito daquele carinho eterno entre um avô e um neto.

Saúde, avô, e obrigado por todas as memórias que compartilhamos.

O meu avô presente em mim

Maura Couto⁸

Quando penso no meu avô, penso em paz interior. Até hoje invejo e inspiro-me na tranquilidade e calma que ele conseguia sempre transparecer. Certamente, por este motivo, conseguia tão bem transmitir os seus pensamentos através da escrita. Afinal, quem consegue comunicar com o interior caótico?

Tenho muitas saudades de o ter por perto. Nunca chamava muito à atenção, mas estava sempre presente, e atento a tudo. Lembro-me de estar de férias na casa dos meus avós em São Cosmado quando tinha 13/14 anos. Para quem não sabe, é uma vila muito remota e talvez menor do que o Jardim Tunduro. Como é óbvio, a minha pessoa, no pico da adolescência, encontrava-se bastante aborrecida. Talvez nunca me fosse lembrar deste aborrecimento hoje em dia se não tivesse uma memória tão bonita associada a este momento. Recordo-me perfeitamente da minha avó, dentro do seu carácter amoroso e carismático, estar desesperada e de não saber mais o que inventar para me distrair. O meu avô chegou a certo momento, pegou em mim, e levou-me a passear para o campo. Não sei quanto tempo ficámos os dois, mas, hoje, quando me lembro, sinto como se fosse um dia inteiro. Ficámos muito tempo em silêncio e a apreciar as flores silvestres e as paisagens. Não foram precisas palavras, apenas amor e a força tão simples da natureza.

Graças ao meu avô, este é um momento e uma lição que guardo sempre comigo e que me ensinou a procurar a beleza e a paz da natureza em todos os momentos, especialmente nos mais difíceis.

⁸ Maura Couto, neta de Fernando Couto. Define-se como uma “catalisadora do desenvolvimento social que vive pelo mundo à procura de novas experiências”.



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464815, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464815

Dossiê

Ao Fernando Couto. Uma rosa feita amor, um espinho feito dor

Sónia Sultuane

*A tua vida não terá sido inútil se tiveres enxertado
no teu coração a rosa do amor.*

(verso do poeta persa Omar Kayyam)

E em mim não ficou uma rosa do amor, mas um jardim inteiro de amor feito rosas, que continuo a regar, a adubar e onde, às vezes, continuo a colher em silêncio rosas perfumadas, feitas poemas.

Quem me dera poder partilhá-las consigo. Quem me dera poder saber que iria apreciar o seu cheiro, o seu toque e as suas cores.

De vez em quando, falo consigo nos meus silêncios, como falávamos tantas vezes, nesse jardim que tento manter vivo. Tenho tantas saudades do homem feito tantos livros.

Há homens nos livros, e há livros homens. Assim era, livros feitos homem. Um livro partilhado nos silêncios prolongados, sem pressas, sem ostentações ou pretensões.

A sua humildade quando se despia do papel de poeta e se tornava num simples leitor era de um instante inesquecível. E que leitor!!! Carregava-me pela alma para ir consigo conhecer Omar Kayyam, um dos seus poetas de eleição, Rabindranath Tagore e tantos outros.

Sempre vi em si um homem genuíno, ingênuo também, e às vezes um menino despreocupado. Os quase vinte anos de troca de ideias, afetos poéticos, e de uma profunda amizade, sempre feitos de grande sensibilidade, de verdade, de risos, de choros, confidências, frustrações, próprias dos sonhadores, permitiram-me respeitá-lo e amá-lo para o resto da minha vida. Era sonhador. Éramos os dois sonhadores.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

Um dia, na sua bondade humana, adotou-me como filha e sua filha fiquei. Partilhou comigo muitos dos seus melhores e piores dias. Tive o privilégio de ainda privar consigo até à sua morte. Nesse terminar da sua vida, às vezes num diálogo incompreensível aos comuns mortais como eu, falava-me numa linguagem que só a sua alma conhecia, e eu tentava entendê-lo, e escutá-lo com o coração, porque me lembrava sempre dos seus ensinamentos, *a poesia tem de ser viva, tem de ter imagem, tem de ter forma, cor, cheiro, amor, ficava ali sentada olhando para si a “escrever” o seu grande poema final...* Não me permitia quebrar o nosso silêncio, o silêncio que se requer quando se está a ouvir um grande poeta. Olhava para si e escorriam-me as lágrimas, escorriam-me pelos olhos também os meus silêncios. O poeta, cuja boca já entrelaçada de palavras, mergulhava num outro mundo, e deixava pontualmente os seus gestos em forma de poesia aparecerem como versos extraordinários. A poesia tornava-se, dentro dos seus olhos pequenos, vida.

Nunca confundi nem duvidei e sabia que a sua estrutura pequenina, a sua meiguice e a sua voz calma carregavam uma sensibilidade infinda, como a sua poesia humana e grandiosa.

Um dia, Pai, os homens irão descobrir as rosas do amor, a fragância da sua existência humana, se forem capazes de percorrer o seu jardim para apreciarem as rosas feitas poemas que deixou. O Senhor foi um dos melhores livros que li.

Tenho saudades do poeta sonhador, do pai carinhoso, do meu amigo atencioso e do meu editor. Tenho saudades da poesia e de aprender consigo a viver a poesia.

Todo o saber guardado no meu silêncio tem um amor feito poema, feito rima, feito palavras, feito pontuação. Esse suspiro na minha alma, hoje, se fala, se sente, se chora, tudo isso também a si devo.

Obrigada por ter deixado todos os aromas da sua rosa do amor enxertados no meu coração.



Um epicédio ao poeta Fernando Couto

Adelino Timóteo

Há duas ou três razões que se me impõem escrever sobre este poeta beirense de acolhimento. A primeira razão, devo dizê-lo, resulta do facto dele ter-me “perfilhado” (cito-o) em 1999, aquando do lançamento do meu “Os Segredos da Arte de Amar”. O que mediava a minha relação com Fernando Couto era exactamente essa cumplicidade: uma relação de pai para com filho, não fosse ele o responsável, posteriormente, pela publicação da *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique*, que saiu pela primeira vez com o selo da Ndjira, e, logo de seguida, voltou a perfilhar-me num posfácio que acompanha o que seria minha trilogia poética, intitulada *Dos Frutos do Amor e Desamores até à Partida*.

A segunda razão há-de ter a ver com o facto de Fernando Couto pertencer à nata dos escribas antologados em *Poetas de Moçambique*, um volume publicado pelo *Notícias da Beira*, antes da independência, e do qual ele foi principal mentor e dinamizador. Homem de uma escrita prolixa (desde os anos 50 com textos na *Voz de Moçambique*, *Vértice*, *A Tribuna*, *Paralelo 20*, *Savana*, *Domingo*, entre outros), dele bebi, como leitor, ao tempo em que trabalhei no *Diário de Moçambique*, cujo arquivo contém inúmeros textos da sua lavra, podendo servir para traçar-lhe a trajectória e ajudar a compreendê-lo como um dos principais precursores do terceiro período da poesia moçambicana (1945/48 até 1963).

No rasilho dele, descobri-lhe um dos agitadores culturais e das páginas literárias do *Notícias da Beira*, primeiro de 1953 até 1959 e depois ao tempo em que permaneceu formalmente, ainda que discretamente, à frente da editora Ndjira. Muito acima do bairrismo (viveu na Beira 20 anos, fecundando poesia neste solo úbere e a sua prole) que nos unia,

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Lâisse

muito acima dele ter sido meu editor e cúmplice, escrever sobre Fernando Couto é prestar-lhe o devido tributo pela sua devoção à literatura moçambicana. Uma trajectória singular a que ele se entregou e com fertilidade durante pouco mais de 60 anos, com enlevo no ano 1962, o seu momento auge, em que coligiu a referida antologia, em que pontificam o Nuno Bermudes, o Rui Knopfli e o Gouveia Lemos, com o qual procurou configurar as vozes que se inscreviam na esfera do realismo literário da antiga província ultramarina.

Refira-se que com a mesma motivação também coligiu a antologia *Prosadores de Moçambique*.

Não conheço nenhum outro escriba/editor que tenha alcançado tão nobilíssimo recorde de edição e publicação. É uma razão muito forte, como se vê, apesar de a tal sobrevir o facto dele ser beirense de adopção – nem o facto dele ter nascido em Rio Tinto (junto à cidade do Porto), em Portugal, em 1924, o fazia prescindir da sua empatia, que o tornava tão moçambicano como qualquer um. Era um ser dividido e que deve ser reclamado como poeta moçambicano.

A literatura moçambicana enriquece e muito com a poesia deste poeta, autor de *Poemas junto à fronteira* (1959), que marcou o início da sua carreira poética, constando também da sua verve os livros *Jangada do inconformismo*, *Amor diurno*, *Poemas sensuais*, ambos publicados em 1962, *Feições para um retrato* (1970/71), todos estes na cidade da Beira, *Monódia* (1996) e “*Os olhos deslumbrados*” (2001), em Maputo. Obra essa que ele viria a reunir em volume único, *Antologia Poética Rumor de Água* (2007) e que pretextou o seu reencontro com a Beira, no rastilho do bairrismo, em sentido positivo, que ele nutria pela cidade, e que nos unia.

A terceira razão, afinal não menos relevante, tem a ver com o Mia Couto e depois o irmão Fernando Couto terem cinzelado esta cumplicidade minha com o pai, o Mia levando da Beira para o pai uma mancheia de contos meus sob o título genérico *O Mistério da Felismina*, a primeira tentativa frustrada do velho em publicar-me, e que hoje, rememoro, ainda que na minha gaveta do esquecimento, e o Fernando Couto (filho) a desdobrar-se na busca de meios para acomodar-me em Maputo.

Daí o motivo por que o evoco mais uma vez. Qualquer silêncio meu nesta empresa de evocar-lhe, visto desta forma, soaria a uma traição, pois é da sua solidariedade e lealdade que as portas se me abriram em Maputo, possibilitando o reconhecimento de que desfruto. Em bom rigor, as minhas palavras não versam senão prestar-lhe o tributo que tanto merece pelos seus feitos, por aquilo que deu ao nosso país, onde contanto as suas curtas saídas para as raízes (lembro-me que uma delas foi em 1988), passou mais anos da sua vida entre nós. “Não poderei esquecer e deixar de amar este país”, disse Fernando Couto numa entrevista a Nelson Saúte, revista *Tempo*, 22/05/88.

Da relação com Fernando Couto pude apreender o homem culto que havia em si. Ele sabia usar a palavra para dizer a verdade, mesmo aquela verdade que vai contra o receptor. Recorria ao eufemismo, tal como o fez em 2003, quando recusou a primeira

versão do *Dos Frutos do Amor e Desamores até à Partida*, apelando-me a reescrevê-lo. E não foi a primeira vez, pois já o tinha feito antes com *Os Segredos da Arte de Amar*. Recusas a que sempre acolhi, pois eu sempre vi em Fernando Couto como pai da poesia lírica, da poesia egocentrista, da poesia intimista, como preferirem, do amor, do qual ele e eu temos o Pablo Neruda como o nosso deus, a nossa sombra tutelar.

São estes aspectos de sinceridade que nortearam a nossa amizade.

Falo-vos de Fernando Couto, este pai meu da poesia que continuará a sê-lo, na contingência e imposição que se me impõe a reescrever os escritos, os poemas, a depurá-los, a burilá-los, a medir as palavras, as vogais e consoantes, o som e a harmonia, uma a uma, sem arrepiar o ouvido, sem feri-las, sem que nos deem tédio, e também a consertar e a participar minuciosamente de todo o processo de edição culminando com a impressão. Falo-vos de um mestre a que poucos, pouquíssimos, dos meus confrades, deram por ele, pois ele era uma biblioteca – Heliodoro Baptista (HB) falava disso amiúde, se bem que pelos olhos dele passaram Mayakovski, Antero de Quental, Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, Aragon, Eluard, Supervielle e António Machado. Mas quem o influenciou definitivamente do ponto de vista de formação intelectual foi o Agostinho da Silva. A despeito disso disse em entrevista ao Nelson Saúte e cito-o: “Sentimos como nossa a sua prisão pela PIDE e não esqueço que, em parte, ele foi responsável pela minha maneira de pensar, e que lhe devo muito do que me revelou”.

Como se depreende do título do segundo livro que ele escreveu, Fernando Couto era um homem inconformado, mesmo quando o encontrei no ano de 2014 na Ndjira, desabafando sem compreender a causa que levava a Ndjira a fundir-se ao oligopólio Leya. “*Repare: jangada é o barco dos naufragos. Tinha justamente suportado um naufrágio –o de descrever da construção, assim a modos de milagre, de um novo mundo. Naufrágio daquele sonho, nem por isso desistiria de navegar, porque era implacável necessidade à navegação, mesmo que sem bússola, sem rota, individualmente, mas, de qualquer modo, navegação inconformada*” – assim o afirmou em 1988 ao Saúte, numa das suas avaras entrevistas, em que se joga, se deixa a conhecer, destapando o véu de uma reserva que o nutria, pois detestava o protagonismo, de uma dissidência que ele reprimia para não levantar falsos testemunhos ou inventar inimizades, porque a grande fé que ele cultivou em vida foi, e cito-o laminariamente: “*acredito que os poeta são loucos*”.

A poesia o tomara, para o gáudio dos seus “Olhos deslumbrados”, um livro premonitório que escreveu depois de ler *Zorba, o grego*, de Kazantzakis, o mesmo de *Carta a Greco*. “*Fiquei de tal modo sensibilizado por aquela inesquecível figura por detrás da qual transparece o próprio escritor e poeta*”, confessou ao entrevistador que tenho vindo a citar.

Para o finado, a vida e a morte resultam de encadeamento de reacções, “*ao mesmo tempo encantada e dorida*”. Ele era sábio, pois sabia que a morte, mesmo que se lhe minimize, dói. Dói funda e intrépida a perda deste escritor, de cujas mãos a literatura

moçambicana haveria de conhecer e consagrar os vultos de Isaac Zita e Brian Tio Ninguas, prematuramente mortos.

O que mais se pode acrescentar com o níquel doce das palavras é que Fernando Couto é um poeta e escritor incuravelmente moçambicano. Como testificara então, ao Nelson Saúte, *“de Moçambique levo uma saudade incurável... Mas é claro que não poderei esquecer e deixar de amar este país que adoptei como segunda pátria, que amo por força da osmose... mas que não o trocaria por nada”*.

Fica comigo a sua poesia povoada de sensualidade, erotismo, de amor carnal, do palato com sabor da mulher bela, esculpida. Ficam comigo os ensinamentos que me levam à descoberta de poetas e filósofos de todo o mundo, incluso árabes pré-islâmicos. Não é por acaso que ele organizou uma antologia (*Eu sou estrela polar* – 2011) reunindo poetas da China ao Magreb, do Níger à Espanha, da Coreia à Suméria, da França ao Antigo Egipto.

Fica comigo na memória aquelas ocasiões em que eu costumava visitá-lo na Avenida Ho Chin Minh, em Maputo, ao tempo em que ele era editor da Ndjira, ao tempo em que o nosso bairrismo nos tornava cúmplices e nos permitia ser duas crianças, da mesma idade, quando partíamos de carro, conduzido pelo senhor Manjate, à baixa da cidade, aí na tipografia CIEDIMA, para vermos a arte da composição e acabamento de livros, a sentirmos com assombro o cheiro a papel e uma conversa amena com o gráfico alemão Hans. Terei dificuldades de preencher o vácuo, pois não raras vezes oferecia-me livros e eu regressava à “nossa Beira” com a mala atulhada deles. É dele este poema que corta o silêncio que me escorre, mais frio que a navalha:

O rumor audível de um fio de água deslizando breve. || A leve carícial a florando o rostol com pudor de ternura. || A melancolia do adeus inevitável e definitivo. || O bramido da cólera dos ofendidos e humilhados com vigor do ventol nos altos montes ou tão só o choro silencioso.

(COUTO, Fernando. “Quero-te, Poesia”.
In: Rumor de Água. Maputo: Ndjira, 2007, p. 13.)



Fernando Couto: Esboço para um retrato

António Sopa¹

A Beira, que tem a sua origem na povoação do Bangué, localiza-se numa estreita faixa de terreno junto à foz do rio Pungoé, na sua margem esquerda. A sua existência deve-se à posição privilegiada, numa futura rede de transportes ferro-portuários, servindo o interior do continente, tal como estava previsto no Tratado Anglo-Português de 1891.

Encerrado o ciclo de governação da majestática “Companhia de Moçambique” em 1942, o governo português procedeu ainda ao “resgate” do porto da Beira, em 1948, que tinha sido explorado durante quase meio século pela “Beira Works” e, no ano seguinte, adquiriu a linha do caminho de ferro, à então “Beira Railway”. No seu seguimento, procedeu-se ao reequipamento e modernização do material ferroviário e, no caso do porto, à sua expansão, com a construção dos cais 6 e 7. Ainda hoje, a infra-estrutura ferro-portuária, agora concessionada a uma empresa privada, marca de forma indelével a fisionomia da cidade.

No início dos anos 50 do século passado, a Beira era uma urbe em franco crescimento. Se até então a sua população repartia a sua actividade pelos serviços ferro-portuários, a que se juntava ainda algum funcionalismo e comércio, a partir de então a cidade vê diversificarem-se as suas actividades económicas. A própria “Companhia de Moçambique”, terminado o ciclo da sua governação dos chamados “Territórios de Manica e Sofala”, corolário natural da política nacionalista do regime do Estado

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

¹ António Sopa nasceu na cidade da Beira, em 1955. Licenciou-se em História, com especialidade em documentação, pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Fez a sua carreira no Arquivo Histórico de Moçambique. Foi docente nos ensinos secundário e universitário. É autor do livro: *A Alegria é uma Coisa Rara*: Subsídios para a História da Música Popular Urbana em Lourenço Marques (1920-1975). Maputo: Kulungwana, 2014.

Novo, virá a constituir um conglomerado de empresas, algumas sob a sua administração directa, como era o caso da “Companhia das Águas” e da “Sociedade de Turismo de Moçambique”, proprietária do mediatizado “Grande Hotel”, e accionista de outras importantes companhias, como “Sociedade Agrícola de Chimoio e Manica”, “Companhia Nacional Algodoeira”, Companhia Carbonífera de Moatize” e “Entrepósito Comercial de Moçambique”.²

Neste período, a população da cidade registou um assinalável crescimento, fruto das novas políticas do governo português, que encarava a migração para as suas colónias africanas como uma das soluções para o excesso populacional da metrópole. Mas seria o “desenvolvimento sem precedentes nas colónias” a “retração dos países americanos de acolhimento” a novas vagas de migrantes, a justificar que uma parte da migração portuguesa se dirigisse para Angola e Moçambique, após o segundo conflito mundial.³

No caso da cidade da Beira, o aumento populacional foi ainda resultado, em grande medida, do final da concessão da “Companhia de Moçambique” e das mudanças derivadas da “nacionalização” do porto e caminhos de ferro. Assim, no período compreendido entre 1950 e 1960, a população de “civilizados” quase que duplicou, passando de 11.505 europeus e assimilados, para 20.800, em 1960.

No caso de Manica e Sofala, existia ainda uma particularidade que se prendia com uma percentagem relativamente elevada de brancos não-portugueses, compreendendo particularmente os britânicos, apesar duma tendência visível para alterar essa situação, ao mesmo tempo que se procedia à “nacionalização” dos seus habitantes, das práticas políticas e do idioma “oficial”. Mas ainda assim, essa situação eternizar-se-ia no tempo, com a influência britânica a continuar a pairar no “ambiente social, nas relações humanas, na organização do quotidiano e nos hábitos de vida”.⁴

Em resultado do aumento excepcional de colonos e da paralisação na construção civil, desde os inícios da década de 1940, quando a Companhia de Moçambique decidiu reduzir os vencimentos dos seus funcionários, ocorreu uma grave crise de habitação.

Inicialmente, devido à falta de materiais de construção, as casas edificadas eram todas feitas de ferro zincado e ondulado e madeira, daí a cidade da Beira ser conhecida, durante os seus primeiros anos de existência, pela “cidade do zinco”. Apesar desta situação começar a alterar-se na década de 50, com a construção de novos edifícios

² O administrador-delegado da Companhia de Moçambique, com Eduardo Henrique Serra Brandão concedeu uma entrevista à imprensa da Beira. In: *Notícias da Beira*. Beira, 16 de Setembro de 1959, p. 1 e 7.

³ CASTELO, Cláudia. *Passagens para África: O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da Metrópole (1920-1974)*. Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 117.

⁴ CASTELO, Cláudia. p. 229.

de alvenaria, fruto das novas imposições legais, muitas das quais em resultado das novas medidas sanitárias adoptadas, da aprovação do seu plano de urbanização, da abertura do seu foral e pelos empréstimos concedidos pelas entidades respectivas, a situação continuava a ser bastante grave.⁵

Em consequência desta situação, muitos colonos viviam ainda em “condições muito deficientes”, albergando-se em casas de madeira e zinco, numa grande promiscuidade, já que havia 4 e 5 famílias a viverem em “miseras” habitações ou “em palhotas que só por indígenas deveriam ser utilizadas”. Assim, como resultado imediato, ocorreu o aumento das rendas de casa, atingindo quantias exorbitantes, “não se conseguindo uma modesta habitação por menos de 2.000\$00, e estas só em zonas afastadas do centro da cidade”, como eram os casos do Macúti, Esturro, Matacuane e Munhava, ou ocupando as “dependências destinadas exclusivamente aos serviços indígenas”.⁶

Por isso, a Beira era então considerada a cidade com um nível de vida dos mais elevados entre as cidades portuguesas da época.

O movimento cultural beirense

Apesar de todas as suas debilidades, o aumento do número de colonos provocou o surgimento de um movimento, tendente a interessar a comunidade local pelas diversas actividades culturais e artísticas.

Este dinamismo, que se torna visível a partir da segunda metade da década de 50, espalhou-se em diversas direcções, em resultado da actuação dos diferentes agentes envolvidos, como seja o governo central, o município local e, finalmente, a pequena elite branca, entusiasta pelas diferentes manifestações culturais e artísticas. Lembrando esse período, o escritor Ascêncio de Freitas afirmaria que o mesmo foi liderado e constituído unicamente por europeus, apesar das diferenças de que eram portadores e que os dividiam. E justificava este facto do seguinte modo:

Porque os africanos não tinham qualquer instrução a nível médio superior. Não deve esquecer que a existência do liceu da Beira é posterior a isto que lhe estou a contar. Até a independência não tive notícia de qualquer moçambicano negro que se fizesse notar culturalmente na Beira. Nem depois da independência, se excluir o caso do Miguel Murupa e do Armindo Caetano de Sousa, dois

⁵ SOPA, Eugénio Rodrigues. Façamos da Beira uma grande e próspera cidade. *In: Diário de Moçambique*, Beira, ano 1, nº 1, 24 de Dezembro de 1950, p. 1 e 9.

⁶ AHM – Inspecção dos Serviços Administrativos e dos Negócios Indígenas – Relatório da Inspecção Ordinária à Câmara Municipal da Beira, por Adelino Santos Ferrão Castel- Branco, 1951, p. 1 e p. 9.

casos especiais surgidos muito depois da época a que me refiro e que não tiveram qualquer influência em nenhuma manifestação cultural.”⁷

Entre as iniciativas de âmbito do governo central, a mais importante foi, provavelmente, a criação do ensino secundário na cidade, tendo-se construído dois imponentes edifícios, para albergar uma escola técnica e um liceu, na zona de Matacuane

Porém, esta dinâmica tinha-se iniciado muito antes, na segunda metade da década de 1930, após a morte do benemérito da cidade, Dr. José de Araújo de Lacerda, que impôs à Câmara Municipal o encargo de fundar e manter uma escola preparatória comercial e industrial que “desse instrução mas não fizesse doutores”. No seu seguimento, em Novembro de 1935, foi enviado um funcionário da municipalidade a Lourenço Marques, para ouvir a opinião do Director dos Serviços de Instrução Pública da colónia sobre este assunto.

No encontro com essa autoridade, optou-se pela criação dum liceu municipal, tendo anexo ao mesmo um curso prático comercial. O Governo central autorizou que esta ideia se concretizasse, de acordo com o modelo já existente em Lourenço Marques (Escola Sá da Bandeira), desde que o município beirense suportasse na íntegra as despesas com a sua criação e manutenção. Perante esta decisão, não se avançou mais com este assunto, pois a Câmara não podia suportar sozinha com os encargos que a mesma comportava.

Este assunto voltaria novamente à baila, no início da década de 1940, em resultado das escolas da Rodésia do Sul, onde se encontravam numerosos estudantes beirenses, terem estabelecido novas e mais onerosas propinas, o que tornava esta situação incomportável para muitos pais das mesmas.⁸

A escola técnica viria a ser uma realidade, funcionando na antiga residência de madeira e zinco do governador, que acabaria por arder. Mas apesar do carácter de urgência que se impunha, esta só viria a ser criado pelo governo central cerca de quinze anos mais tarde, com a existência da Escola Industrial e Comercial Freire de Andrade e do Liceu Pêro de Anaia.⁹

⁷ Ascêncio de Freitas. *In: Moçambique: Encontro com escritores*, por Michel Laban. Porto: Fundação Engº António de Almeida, 1998. vol. 1, p. 96 e segs.

⁸ O problema do ensino secundário na Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 5 de Setembro de 1940, p. 4: Instrução: Escola Técnica Profissional. *In: Notícias da Beira*. Beira, 19 de Setembro de 1940, p. 2. Ensino Técnico Profissional. *In: Notícias da Beira*. Beira, 21 de Outubro de 1940, p. 2.

⁹ A Escola Industrial e Comercial e Industrial Freire de Andrade foi criada em 16 de Outubro de 1954 e o Liceu Pêro de Anaia em 29 de Abril do ano seguinte.

Para além do grande número de estudantes que passaram a frequentar localmente o ensino secundário, alguns dos elementos do seu corpo docente participaram activamente nas diversas actividades culturais que então começavam a surgir. Um dos casos mais conhecidos, é o do célebre cantor português Zeca Afonso, que entre 1964 e 1967 residiu na Beira, tendo sido docente do liceu local. Segundo depoimento de Álvaro Simões, este procedeu a recolhas do cancioneiro da população negra local, tendo ainda elaborado quatro músicas para a peça teatral “Excepção e a Regra”, do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, estreada na cidade, em 23 de Agosto de 1966, posteriormente incluídas em alguns dos discos do autor.¹⁰

No domínio da iniciativa municipal, podemos referir-nos à existência duma Biblioteca Municipal, designada então por “Dr. Araújo de Lacerda”, cuja inauguração ocorreu em 29 de Dezembro de 1952. No entanto, tinham ocorrido anteriormente outras tentativas. Em Julho de 1948, os espólios dessas iniciativas anteriores foram transferidos dos arquivos do Governo de Manica e Sofala para a Câmara Municipal. Dois anos mais tarde, em Novembro, foi convidada Lia Tavares a proceder à sua organização, sendo o espólio constituído por cerca de 800 volumes.¹¹ A bibliotecária era de origem polaca, e tinha traduzido directamente do russo a novela “O dia do juízo”, do escritor Vladimir Korolenko.¹² Na Beira, Lia Tavares viria a ter também uma importante participação em outras actividades de carácter cultural.

Ainda por iniciativa camarária, foi criado o Museu Municipal, cuja existência remonta à primeira década do século passado, destinado à “exposição dos produtos do Território”. Na década de 1930 já se encontrava instalado na sala de sessões da Comissão Administrativa Urbana. Este viria a ser removido aquando das obras realizadas no edifício da Câmara Municipal, não se tendo retomado a iniciativa. Apenas em Agosto de 1957 foi deliberado o seu estabelecimento, tendo-se determinado o local onde seria construído o seu edifício, criando-se uma comissão para proceder à pesquisa e classificação dos elementos que pudessem interessar ao museu, constituída por Artur Leotte Ramos, Manuel Pinho, inspector Rovisco de Andrade, Dr. Álvaro Falcão Sacadura, José Oliveira da Silva, Alberto José da Silva, arquitecto Bernardino Ramalhete e Fernando Bermudes.

O edifício para a instalação do museu foi sempre a grande limitante, mesmo depois da sua inauguração, já que o espaço onde viria a instalar-se era exíguo para a quantidade das peças existentes. O mesmo viria a ser inaugurado em Dezembro

¹⁰ José Afonso em Moçambique (1964-1967) 1|3 - Youtube, Associação José Afonso, 6 de Abril de 2009. Uma outra personalidade que leccionou no liceu local foi a escritora Lídia Jorge. Não sabemos da sua participação na vida cultural local, mas anos depois publicaria um romance – *Costa dos Murmúrios* - ancorado na realidade local.

¹¹ A Biblioteca mMunicipal da Beira. In: *Notícias da Beira*. Beira, nº especial, 17 de Agosto de 1957, p. 19-20.

¹² LISBOA, Eugénio. Lisboa, 2013. p. 50-51.

de 1965, na sobreloja da Biblioteca Municipal, contendo diversas secções, como numismática, conquiobiologia, paleontologia, etnografia, mineralogia, arqueologia e história. Possuía ainda várias relíquias trazidas da Fortaleza de Sofala, a primeira a ser construída pelos portugueses na costa oriental africana.¹³

Mas foi por iniciativa e dinamismo de alguns membros da comunidade branca que podemos apontar a criação do Cine-Clube da Beira, do Centro de Cultura e Arte da Beira e dum grupo de teatro de amadores, orientado pelo advogado Malaquias de Lemos, que viriam mais tarde a estar alojados no Auditório de Cultura e Arte. Ascêncio de Freitas, no seu testemunho, tenta fazer um rol de algumas das personalidades envolvidas nestas iniciativas:

[...] na Beira houve uma fase muito criativa. Foi por essa época que publiquei o meu primeiro livro e decorreu entre 59 e 62, altura em que se juntou na Beira um grupo de pessoas com bastante interesse pelas coisas da literatura, embora de tendências muito diversas, como é o caso do velho Marcial Ermitão, que era o chefe de fila da oposição visível ao regime de então, o Carlos Barroso, o Eugénio Lisboa, o Costa Campos, o Joaquim Quitério, o Fernando Couto, o Nuno Bermudes, o José Capela, o Monsenhor Ferreira da Silva, que hoje é bispo, salvo erro, o Forte Faria, o militar menos militar que até hoje conheci; o Salinas de Moura, o Nunes de Carvalho, o Nunes Cordeiro, o Carlos Lança e o Homero Gordino, o Apolíneo Gouveia, o Jorge Vila, o Fernando Sabino, o Artur Costa, o João Afonso dos Santos, irmão do Zeca Afonso, que também por lá passou um pouco mais tarde, o Pereira Nina, o Geraldês de Carvalho. Era um grupo relativamente grande em relação ao meio da Beira, que depois se foi dispersando. Mas enquanto existiu permitiu uma grande aproximação e convívio (apesar da divergência de opiniões políticas) que considero muito importante, comparado com a apatia e a total indiferença anterior e a que veio a acontecer logo depois. Esteve por lá também nessa altura o salvo erro hoje coronel Machado, que era então capitão e chefe da polícia. Deve ter vivido momentos bem desagradáveis, porque era indivíduo dado à poesia, que convivia com o resto do grupo e de vez em quando tinha que assinar umas contra-fés para chamar os seus companheiros das lides literárias a interrogatórios e, algumas vezes, até a mandar prender alguns. Essa experiência deve-o ter feito pensar e julgar a outra luz a sua função policial.

Houve depois dessa dispersão uma espécie de morte prematura da agitação cultural que aconteceu por essa época, que depois se

¹³ A Biblioteca Municipal da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, nº especial, 17 de Agosto de 1957, p. 19 e p. 20.

transferiu para Lourenço Marques, onde passaram a acontecer praticamente todas as actividades culturais, exceptuando as sessões do cine-club e uma ou outra encenação teatral.¹⁴

Vale a pena perdermos algum tempo a detalhar estas iniciativas, já que as mesmas foram fundamentais na vida cultural da cidade, até 1975, altura em que se deu a independência de Moçambique.

O Cine-Clube da Beira, que passa por ser o mais antigo da África Oriental, foi fundado em Fevereiro de 1956. Ainda em organização, realizou a sua primeira sessão no Cinema “Palácio”, com a exibição do filme “Antes do Dilúvio”. Numa “explicação” distribuída no decorrer desta sessão, a Comissão Organizadora reconhecia que esta era o “meio prático e eficaz mais indicado para a união de todas as pessoas que estão, ou possam vir a estar interessadas na actividade do Clube”. Aparentemente, a aprovação dos estatutos fez-se sem dificuldades de maior, talvez pelo “facto de a Beira ir ter um “cine-club” antes de Lourenço Marques”.¹⁵ Segundo a memória do advogado João Afonso dos Santos, este constituía um “espaço alternativo a um quotidiano limitado” e era ali que se encontrava o “pessoal mais consistente, no plano cultural e político, se bem que avesso a manifestações públicas”.¹⁶ Entre os seus entusiastas, encontravam-se Manuel Noronha Marques, Nunes Cordeiro, Joaquim Elias e Álvaro Simões. Fernando Couto integra, sem dúvida, este grupo inicial de entusiastas, tendo uma activa participação na vida do clube, dando a conhecer as actividades por ele realizadas, os seus projectos e abordando questões técnicas relativas ao cinema como arte. Ainda em Maio de 1955, o poeta publicará uma crónica num jornal local, abordando precocemente a necessidade da sua existência:

Ora para se estudar a obra do cinema, como acima se disse, é indispensável a existência e o funcionamento de um cine-club [sic] única maneira de periodicamente e com proveito se rever os clássicos do cinema. [...] O que se torna necessário é a fundação de um cine-club na Beira, à semelhança dos que as principais cidades metropolitanas já têm. De resto, a actividade desse clube de cinema seria o corolário lógico das outras obras já em pleno funcionamento nesta cidade – o Círculo de Cultura Musical, a Biblioteca e as exposições que a Câmara Municipal tem vindo a fazer.¹⁷

¹⁴ FREITAS, Ascêncio de. 1998, vol. 1. p. 96 e segs.

¹⁵ LISBOA, Eugénio. 2013, p. 61.

¹⁶ SANTOS, João Afonso dos. *O último dos colonos: Até ao cair da folha*. Porto: Sextante Editora, 2021. p. 101.

¹⁷ COUTO, Fernando Couto. A propósito de um Cine-Clube na Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 3 de Maio de 1955, p. 3 e 6.

Mas o cinema ficar-lhe-ia também a dever, para além dos textos sobre o tema, uma outra iniciativa pioneira, que não teve qualquer eco junto das entidades locais: a criação de uma Cinemateca moçambicana. Em dois textos publicados na época, Fernando Couto debruça-se sobre esta iniciativa, alertando para o risco da perda de uma parte importante da memória local.¹⁸

Ao contrário do Cine-Clube, o “Centro de Cultura e Arte da Beira” teve uma gestação mais atribulada, já que a sua existência tem origem em duas instituições com propósitos semelhantes. Em 1954, muito provavelmente, surgiu o “Centro de Arte de Manica e Sofala” [CAMS], cuja ideia inicial terá sido influenciada pelos artistas plásticos locais. Entre os entusiastas, encontravam-se o Dr. Arez da Silva, médico; Lia Tavares, responsável da Biblioteca Municipal, já anteriormente aqui mencionada; o Dr. Falcão Sacadura, o Eng.º Amílcar Cruz e o maestro Tomás Firmino. A primeira actividade realizada, entre outras que viriam a ocorrer, foi a realização duma exposição individual do pintor João Ayres, apresentada no Salão Nobre da Câmara Municipal, em Janeiro de 1955, tendo a mesma sido encerrada com uma conferência do jornalista e poeta Nuno Bermudes, subordinada ao tema “João Ayres, artista do nosso tempo”. Entre as actividades programadas, ainda para 1956, encontravam-se a realização do 1.º Festival de Amadores de Teatro da Beira e o 1.º Salão dos Amadores de Artes Plásticas da Beira.¹⁹

Apesar dos estatutos do Centro de Arte estarem já redigidos em 1956, os mesmos nunca foram aprovados. Ainda em Fevereiro de 1959, uma comissão do “Centro de Arte” avistou-se na Beira com o governador-geral, comandante Correia de Barros, apresentando uma exposição com mais de uma centena de assinaturas, solicitando a sua aprovação. Apesar da boa-vontade expressa pela autoridade, a situação manteve-se no mesmo pé.²⁰

Provavelmente, em resultado deste impasse, surge uma nova iniciativa, em tudo semelhante à anterior, designada por “Agrupamento Cultural da Beira”, posteriormente alterada para “Centro Cultural da Beira”, em Dezembro de 1958. Da sua comissão organizadora faziam parte Salinas de Moura, capitão António Machado, Pe. Ferreira da Silva, Dr. Luís Silva, Rafael Nunes de Carvalho, Carlos Lança, Lia Tavares e Cunha Pereira.

¹⁸ Para quando a cinemateca de Moçambique? *In: Notícias da Beira*. Beira, 11 de Agosto de 1956, p. 38. Uma obra necessária e urgente: A cinemateca de Moçambique. *In: Notícias da Beira*. Beira, 25 de Dezembro de 1956, [s.p.].

¹⁹ Sobre o Centro de Arte de Manica e Sofala: Uma aspiração legítima, por Arez da Silva. *In: Notícias da Beira*. Beira, nº especial, 11 de Agosto de 1956, p. 113.

²⁰ O sr. Governador-Geral recebeu o Centro de Arte de Manica e Sofala (em organização). *In: Notícias*. Lourenço Marques, 5 de Fevereiro de 1959, p. 5.

Esta nova colectividade, ainda em organização, iniciou a sua actividade apresentando-se às autoridades locais, visitando o encarregado do Governo e o bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende Seguidamente, enviou uma circular a cerca de 50 habitantes da cidade, interessados em “assuntos culturais e artísticos”, convidando-os a aderirem à colectividade, como sócios fundadores, enquanto eram redigidos os estatutos da associação. Posteriormente, aquando da visita do governador-geral à Beira, foi a mesma recebida pela respectiva comissão organizadora, tendo estado o melhor acolhimento.²¹

Mas seria exactamente a partir das reuniões entre os membros das duas associações e o governador-geral, que a imprensa local chamou a atenção para o facto de haver a necessidade da fusão das duas colectividades:

A Beira é uma cidade a que falta ainda muito para atingir as duas dezenas de milhar de pessoas civilizadas. Cresceu de forma extraordinária, mas falta-lhe o espírito que tão necessário é num ambiente onde impera, sobretudo, a questão material. Assistimos assim, com pena, a este dispersar de boas vontades, numa divisão incompreensível de elementos que reunidos num só núcleo, poderiam levar a efeito uma grandiosa obra.

Deste modo julgamos que, se todos reunissem e conjugassem os seus esforços - sem caminhar para fantasias que, naturalmente bem intencionadas, derem origem a descontentamentos pela forma exagerada como foram apresentadas, resultando daí a criação dum outro núcleo cultural - se todos, dizíamos, numa fusão bem dirigida, prática e com bases sólidas, estabelecessem um programa de acção eficiente, os resultados seriam os melhores.²²

Na reunião que o “Centro Cultural da Beira” realizou, em 14 de Fevereiro, para discussão e aprovação dos estatutos, expôs-se a ideia duma aproximação com o Centro de Arte de Manica e Sofala, Esta questão foi levantada pelo capitão António Machado, Comissário de Polícia e membro do referido grupo, oferecendo-se este também a estabelecer contactos com elementos preponderantes do CAMS, com vista à fusão das duas associações. Dessas negociações entre as duas colectividades

²¹ O Agrupamento Cultural da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 13 de Dezembro de 1958, p. 1-2. A Comissão Organizadora foi recebida pelo sr. Encarregado do Governo. *In: Notícias da Beira*. Beira, 20 de Dezembro de 1958, p. 1 e 7. Centro de Cultura da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 9 de Janeiro de 1959, p. 5 e 6. O Centro Cultural foi recebido pelo sr. Governador-Geral. *In: Notícias*. Lourenço Marques, 5 de Fevereiro de 1959, p. 5.

²² Centros de Cultura e Arte, por Divad. *In: Notícias*. Lourenço Marques, 8 de Fevereiro de 1959, p. 5-6.

deveria nascer um terceiro organismo que incluísse os propósitos dos dois centros existentes, adoptando este último uma designação diferente.

A fusão das duas colectividades viria a ocorrer em Julho de 1959, tendo-se adoptado a designação de Centro de Cultura e Arte da Beira, tendo sido então constituída uma comissão organizadora: Salinas de Moura, director; capitão António Machado, Padre Ferreira da Silva, Nuno Bermudes, Eng^o Amílcar Cruz, Fernando Couto e Ascêncio de Freitas, com o objectivo de proceder aos trabalhos preliminares relativos à sua acção efectiva.²³

Os estatutos da colectividade viriam finalmente a ser aprovados pelas autoridades competentes em Novembro de 1959.²⁴

Do ponto de vista estritamente literário, tiveram lugar algumas iniciativas pioneiras, tendo ultrapassado o âmbito da cidade, perante a inexistência duma verdadeira actividade editorial na colónia. Refiro-me explicitamente a duas colecções, uma de prosa e outra de poesia, coordenadas por Nuno Bermudes e Fernando Couto, respectivamente, tendo como editora a sociedade do jornal “Notícias da Beira”.

Estas duas colecções viriam a publicar alguns dos escritores e jornalistas que residiam em Moçambique, naquele momento mais em evidência, como eram: Orlando Mendes, Nuno Bermudes, Vieira Simões, Ascêncio de Freitas, Guilherme de Melo, Artur M. Costa, Fernando Couto, Rui Knopfli e Glória de Sant’Anna.

Esta iniciativa, claramente ambiciosa, vinha no seguimento das modificações que foram sendo introduzidas no jornal, com a sua passagem a bi-semanário e a criação também uma página literária e artística – *Das Artes e das Letras* – iniciada em princípios de 1952, por iniciativa de Nuno Bermudes. Esta página, que saiu intermitentemente até 1959, chegou a ser coordenada durante algum tempo por Fernando Couto e Cunha Pereira, já no último período da sua existência. Entre os nomes que participariam nesta página, para além dos coordenadores, podemos ainda mencionar Artur M. Costa, Mário de Oliveira, Vitoria Sotto Mayor Négrier, e os artistas plásticos Lobo Fernandes, José Pádua e Vagueiro Rocha. Ainda neste âmbito, o jornal tentou lançar um suplemento literário – *Janela para Outra Paisagem*, coordenada por Nuno Bermudes, cujo primeiro e único número saiu em 25 de Dezembro de 1956. Nele colaboraram, para além do coordenador, Fernando Couto,

²³ Teve lugar nos Paços do Concelho uma reunião do Centro Cultural da Beira para leitura e aprovação dos Estatutos pelos sócios fundadores. *In: Notícias*. Lourenço Marques, 16 de Fevereiro de 1959, p. 5 e 6. Foram aprovados os estatutos do Centro Cultural da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 18 de Fevereiro de 1959, p. 3 e 5. Centro de Cultura e Arte da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 13 de Julho de 1959, p. 5. Centro de Cultura e Arte da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 25 de Novembro de 1959, p. 5.

²⁴ Foram aprovados os estatutos do Centro de Cultura e Arte da Beira. *In: Notícias da Beira*. Beira, 25 de Novembro de 1959, p. 5.

Fernando Sant’Ana, Gomes de Freitas, Guilherme José de Melo, Ilídio Rocha, Luís de Serpa, Odete Santos e Rui da Nóbrega.

Ainda no âmbito literário, importa referir a existência de uma revista – *Paralelo 20* – de natureza cultural, artística e de divulgação técnica e científica, que se pretendia com uma periodicidade mensal. Tinha como director e editor o engenheiro químico Jerónimo de Oliveira, então director da Companhia de Cimentos de Moçambique mas, segundo Eugénio Lisboa, quem era o “motor de arranque, colaborador e “faz-tudo” era o capitão Forte Faria”.²⁵ Com todas as dificuldades que se podem imaginar, que não eram só de ordem material, o seu primeiro número saiu em Agosto de 1957, e o último, 10|11, em Fevereiro de 1961, tendo colaborado na mesma: José Oliveira da Silva, Eugénio Lisboa, Jorge Vila, Ascêncio Freitas, Fernando Couto, Reinaldo Ferreira, Artur Costa, José Craveirinha, Virgílio de Lemos. Águeda Ceita, Nuno Bermudes, Rui Knopfli, Carlos Lança, Marco António, Urgel dos Santos e Mário Bingre.

Fernando Couto e o movimento literário beirense

Fernando Leite Couto [n. Rio Tinto, Gondomar, 16.04.1924 – f. Maputo, 10.01.2013] chegou à Beira em 28 de Fevereiro de 1953, a bordo do paquete “Pátria”, pertencente à então “Companhia Colonial de Navegação”.²⁶

Aquando da sua chegada à cidade, Fernando Couto já não era totalmente desconhecido nas lides literárias, tendo começado muito novo a dedicar-se à poesia, sendo publicado pela primeira vez na secção literária “Estrela do Minho”, de Famalicão, e colaborado no “Globo” e “Mundo Literário” onde, por escolha de Casais Monteiro, foi o primeiro poeta inédito a publicar os seus trabalhos naquele periódico.

A estudar na cidade do Porto, e porque se vivia intensamente o fim do segundo conflito mundial, o poeta viria ainda a participar entusiasticamente da efervescência da época, que está na origem das grandes transformações políticas, sociais e económicas que então ocorriam, acrescida pelo “irrefreável entusiasmo” da sua juventude. Um dos locais frequentados pelo poeta era a cave do Café Rialto, no Porto, onde um “grupo de rapazes e raparigas vivia em constante euforia a maré alta do momento”. Nesse grupo, encontrava-se também o poeta Papiniano Carlos, “um moço tímido e sério”, já nascido em Moçambique.²⁷

²⁵ LISBOA, Eugénio. 2013, p. 68.

²⁶ A sua esposa, Maria de Jesus, e o seu filho mais velho, Fernando Amado, com 7 ou 8 meses de idade, chegariam meses depois, a 29 de Outubro do mesmo ano, a bordo do paquete “Império”.

²⁷ Notas de um diário, 10 de Março. *In: Notícias da Beira*. Beira, 22 de Março de 1958, p. 5 e 6.

Foi aí que li a imprensa francesa clandestina que era publicada escapando da censura da ocupação alemã. A poesia de resistência representada por esse mago que foi Aragon, por Éluard, Supervielle e outros seduziu-me a tal ponto, que em 1944, completei o meu primeiro livro, que ficou para sempre inédito e que se chama *Amada de Nome Indizível*.²⁸

Na Beira, viria a empregar-se como despachante dos Caminhos de Ferro de Moçambique²⁹, tendo-se tornado visível na imprensa local cerca de dois anos mais tarde, quando começa a publicar as primeiras crónicas no tri-semanário “Notícias da Beira”.

Estreia-se aí com um conjunto de seis crónicas, com o título geral de “Crónicas da Beira”, tendo saído a primeira, muito provavelmente, em finais de 1954.³⁰ Nas cerca de 40 crónicas publicadas neste periódico, até Janeiro de 1958, a quase totalidade tem como pano de fundo o cinema, dando notícia das actividades do recém-criado Cine-Clube, crítica cinematográfica e noticiário desta indústria, europeia e norte-americana.

Seria, porém, na página “DAS ARTES E DAS LETRAS”, numa secção criada na mesma – *A gente da Beira escreve...* –, onde Fernando Couto começará a dar-se a conhecer como poeta e a publicar outros textos de carácter literário, revelando-se também aí como tradutor de poesia de reconhecidos méritos.³¹

Nessa página, numa pretensa resposta a um jovem poeta, Fernando Couto, num texto raro, dará a conhecer o que era então para si a poesia:

²⁸ O poeta, por ele mesmo. In: *Uma voz cheia de vozes*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2015.

²⁹ LISBOA, Eugénio. 2013, p. 53-54.

³⁰ Infelizmente, a Biblioteca Nacional de Moçambique não possui a sua coleção completa, pelo que não podemos confirmar exactamente isto que afirmamos. A segunda crónica sai logo em 1 de Janeiro de 1955 – “II - As pontes e o espírito fantástico”, pelo que nos faz supor que tenha sido assim.

³¹ *Notícias da Beira*, Beira, 29 de Junho de 1957, p. 3.

A gente da Beira escreve...

Abrimos hoje na nossa página de Artes e Letras uma secção que vos é dedicada. A todos vós e a todas vós que escreveis por gosto ou por vício, por tendência ou por necessidade interior – como que uma válvula de escape – nós nos dirigimos com uma palavra de incitamento, de compreensão, de camaradagem.

Vinde até nós para arejarmos ideias comuns, debater problemas e trocar impressões. Mandai-nos os vossos originais que gostosamente publicaremos na página de Artes e Letras que passará a ser mais vossa do que nossa. Contribui vós, também, para o desenvolvimento da nossa terra, tendo em conta que uma cidade só é verdadeiramente grande quando a sua projecção material estiver de acordo com o seu nível intelectual e artístico.

É claro que v. é um jovem e um poeta. E por isso mesmo vou tentar responder às perguntas que faz, o melhor que me for possível, garantindo-lhe, porém, desde já, que as respostas não o satisfarão por completo o que também seja dito de passagem, eu não pretendo.

Que forma deve adoptar na sua poesia – eis uma pergunta, a primeira das que me dirigiu, que não merece uma resposta muito longa.

Todas as formas são boas, todas elas são, em princípio válidas e expressivas, moldáveis ou não, dependendo afinal do homem e do conteúdo que se lhe vazar. Até o soneto, essa forma que julgo extremamente difícil, até o soneto com o seu aspecto de colete de forças, pode apresentar-se como o casulo ideal de um deslumbrante bicho da seda.

No seu lugar, com esse temperamento indisciplinado, eu trataria de o evitar. A sua poesia afigura-se-me um rio caudaloso, incapaz de correr serenamente e à vontade entre margens cuidadosamente cimentadas à régua; daí, este conselho: o lirismo da sua poesia, de notável violência, exige um leito de margens baixas e livres, capazes de serem constantemente inundadas.

Pergunta-me v. Depois onde deve ir buscar assuntos para as suas poesias. Todos os assuntos são válidos, todos são actuais, todos encerram capacidade de comoção.

Encontram os verdadeiros poetas motivos de poesia em todos os lugares, em todas as atitudes, em todos os estados de alma, em todas as horas. Sente-se no café e conserve os olhos bem abertos e, ali mesmo, na perfeita pasmeira da Praça do Município nas tardes de domingo, v. Achará inúmeros motivos de poesia: nas andorinhas, na ausência de movimento, no velho cão pastor que dorme na esplanada, no antecipado entusiasmo dos que daí a umas horas sofrerão o relato do desafio de futebol na Metrópole, na fímbria de um vestido que esvoaça, no repuxo, nas bandeiras, nas conversas indecifráveis dos criados do café. Nas ruas, nesta época, há as flores de fogo das acácias, há magnólias, há buganvílias; na avenida, depois do S. Jorge, há as árvores podadas; no Chiveve, as garças, os pescadores, os flamingos; nas ruas o tédio, o desencanto dos que navegam à deriva sem saber como matar o tempo; e encontra a praia, e aí outra infinidade de motivos. Se os seus olhos estiverem bem abertos, carregados de vontade de amar v. Verá que motivos não faltam.

E a finalizar, vem a questão de saber se lhe será lícito descrever o mundo como que queria que ele fosse. Por mim, acho que tem esse direito, advindo-lhe esse direito como natural consequência do dever de cantar o mundo como o vê, de transmitir a recriação em que na sua poesia o fundiu. Também penso que tem obrigação de não perder o contacto com a terra. Se, descrevendo com palavras uma aldeia, o fizer à maneira de Marc Chagall na pintura, pode acontecer que as pessoas estruturalmente incapazes de uma pequena fuga dos domínios do chamado “bom senso” achem que se trate de tolices, mas não vá assustar-se, pois trata-se de um ligeiro atraso muito caracteristicamente burguês (atraso que não é seu). O mal não está em colocar uma vaca entre nuvens, ou em apresentar um respeitável senhor, em autêntica levitação, beijando por trás uma senhora; mal haveria, sim, se se enquadrasse a vaca num prado bem verdinho, bem bonitinho, ou se o respeitável senhor aparecesse como forma de Amor a despedir-se da Psyché, exactamente como foi costume representar-se durante séculos.

E, dado que pretende a sua poesia assente, num compromisso bem evidente, não julgue ser imprescindível nem urgente entrelinhá-la de estrofes da Marselha nem de descrições do género das letras dos fados. O desenrolar da História provou que, algumas vezes, os artistas menos interessados na sua modificação ofereceram um testemunho mais verdadeiro (logo, muito mais válido e mais capaz de conservar a actualidade) do que alguns chamados “engates”.

Resumindo: quando os dedos lhe estremecerem de imagens a construir, quando as palavras lhe ferirem a garganta à procura de saída, então deixe que elas saiam livremente e faça poesia. Depois, trabalhe como qualquer artífice apaixonado pelo seu ofício, aperfeiçoando com a sua requintada exigência o que saiu de jacto, até que tenha obtido musicalidade. E talvez então tenha conseguido produzir uma obra capaz de comover um seu semelhante. E então terá possivelmente feito poesia.³²

A colaboração de Fernando Couto naquela página iniciou-se em 3 de Agosto de 1957, com a publicação duma crónica - “As vozes no deserto” – e de um poema – “Noivado”.³³ Provavelmente, este poema teria integrado o seu primeiro livro, já

³² *Notícias da Beira*. Beira, 16 de Novembro de 1957, p. 5-6.

³³ Nessa altura, Nuno Bermudes encontrava-se no Brasil, desde Abril desse ano, a convite oficial da Casa do Estudante daquele país, tendo ali permanecido até à última semana de Agosto. Dessa viagem àquele país,

que o último verso do mesmo é exactamente igual ao título dessa obra – *Amada de Nome Indizível* –³⁴ e, ao contrário dos poemas que viria a publicar posteriormente na mesma página, este era formalmente diferente.

Finalmente, temos o prazer de apresentar-vos um nome que será desconhecido para vós como poeta - Fernando Couto, nosso camarada amigo - que nos oferece o seu poema “Noivado”, onde perpassa um quente sopro de lirismo numa composição arrojada e muito feliz.³⁵

Durante o período que colaborou naquela página literária, o poeta publicará 28 poemas, sendo 20 poemas em prosa, assinados com o seu nome³⁶. O género é relativamente antigo, tendo ressurgido nas primeiras décadas do século XX, quando os grandes movimentos de vanguarda, como o futurismo, o cubismo e o surrealismo dominavam, mas parece ter sido Fernando Couto a usá-lo em Moçambique, pela primeira vez. O uso repetido destes poemas, viriam a influenciar outros colaboradores desta secção, como Artur M. Costa, Cunha Pereira e Vitoria Sotto Mayor Négrier, que farão também experiências neste sentido.

Eugénio Lisboa dirá que a sua poesia estava “um pouco marcada pelas ideias neo-realistas”³⁷, mas parece também claro que sofreu a influência dos poetas franceses de resistência, como ele próprio afirma. Para além de Paul Eluard, que o parece ter marcado para sempre, há um outro poeta que o influenciará nesta fase inicial. Fernando Couto refere-se várias vezes a Jacques Prevert, e chegou mesmo a traduzir e a publicar dois poemas seus nesta página – *Paris at Night* e *Quartier Libre*.³⁸

Mas o que na sua poesia desde logo se evidencia é a excessiva presença dos elementos naturais e geográficos, mesmo quando abandona os poemas longos e claramente descritivos. O poeta afirmará, muitos anos depois, que o facto de ter

deixar-nos-á um livro – *Um machangane descobre o Rio* – resultado das crónicas publicadas no jornal sobre aquela viagem.

³⁴ Ver: Anexo 1.

³⁵ Breve apresentação de Fernando Couto, na página “Das Artes e das Letras”, de 3 de Agosto de 1957, sob o título “A gente da Beira escreve”.

³⁶ Estes poemas, assinados pelo autor, preenchem a colaboração do poeta naquela página, entre o período compreendido entre 3 de Agosto de 1957 e 6 de Junho de 1959.

³⁷ LISBOA, Eugénio. 2013, p. 53.

³⁸ Na primeira referência ao poeta francês, recomendava a leitura do livro *Paoles* [*Notícias da Beira*. Beira, 31 de Agosto de 1957, p. 5]. A segunda referência é a apresentação de dois poetas franceses – Paul Eluard e Jacques Prevert –, tendo traduzido dois poemas deste último [*Notícias da Beira*. Beira, 21 de Setembro de 1957, p. 5]. Finalmente, uma última referência para assinalar o êxito dum novo livro – *Poèmes de la Pluie et du beau temps* [*Notícias da Beira*. Beira, 15 de Março de 1958, p. 5 e 6].

nascido nos arredores da cidade do Porto, num “ambiente de arrabalde citadino e ainda de alguma ruralidade”, o terá tornado apaixonado pela natureza.³⁹

Paralelamente à sua colaboração nesta página literária e artística, Fernando Couto participa ainda na mesma, assinando com um pseudónimo até agora desconhecido – RIO TINTO – localidade onde teria nascido. O primeiro texto, assim assinado, surge pela primeira vez, em 31 de Agosto de 1957, sendo usado até 22 de Março de 1958, provavelmente altura em que o poeta deixa de colaborar no “Notícias da Beira”, já que a partir desta altura o seu nome desaparece do periódico.

Com este pseudónimo, assina regularmente as “Notas de um diário”, onde dá fundamentalmente a conhecer o movimento editorial e literário, e os “Poemas utilitários”, que parecem ser uma alternativa aos poemas em prosa, assinados com o seu próprio nome. Fernando Couto procurava já outros caminhos para a sua poesia, com que viria a afirmar-se mais tarde, ainda que não pretendendo dar-lhes grande relevância, designando-os genericamente sob esse título, com um pendor claramente depreciativo. O primeiro poema, assinado com este pseudónimo, ainda não estava incluído neste conjunto de poemas, mas posteriormente, os 13 restantes, já se apresentavam assim.⁴⁰ E seria aqui que, pela primeira vez, o poeta tenta aproximar-se à realidade local, em dois pequenos poemas:

Nº 10 ⁴¹

Adeus às garças do Chiveve

Um dia qualquer
- quem sabe lá quando?
oxalá seja amanhã! -
a lunar paisagem
do Chiveve⁴² em maré baixa
irá desaparecer.

E as intangíveis
imponderáveis e etéreas
plumas brancas das margens

³⁹ O poeta, por ele mesmo. *In: Uma voz cheia de vozes*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2015.

⁴⁰ Ver: Anexo 3.

⁴¹ *Notícias da Beira*. Beira, 4 de Janeiro de 1958, p. 5

⁴² Importa esclarecer que o Chiveve é um “rio de marés” que percorre a cidade da Beira e que marca a fisionomia da cidade até hoje. Actualmente, este braço do mar e as suas margens, estão incluídos num “Parque Verde”, recentemente inaugurado.

– as garças
os anjos brancos da morte –
irão embora para longe daqui

Não importa
Irei vê-las mais longe.

Nº 11 **American Sailor**

O barco tocou em terra
e o Jim desceu no cais.
A troco de dólares
esvaziou a solidão
e encheu-se de cerveja.

E quando caiu à lama do Chiveve
ou adormeceu num passeio qualquer
encomendou a solidão às estrelas
esperando acordar vazio e leve.

Durante um ano não encontramos qualquer notícia ou colaboração sua nas páginas da imprensa local. Será no ano seguinte, em Março de 1959, que tomamos conhecimento da sua nomeação para a redacção do matutino “Notícias”, na sua delegação na Beira.⁴³ Dois meses mais tarde, ocorre o lançamento do seu primeiro livro de poemas - *Poemas junto à fronteira* - com capa de Vagueiro Rocha, sendo composto e impresso nas oficinas do “Notícias da Beira”.⁴⁴ A justificação do título dar-nos-ia depois:

Poemas junto à fronteira, respondia a uma crença de que o Mundo vivia um momento de transição que já tardava, já era mais utopia do que crença justificada: não chegou a transpor a fronteira que o levaria a uma vivência de humanidade mais justa, mais fraterna.⁴⁵

O ano de 1959 abrirá caminho: um novo ciclo.

⁴³ *Notícias*. Lourenço Marques, 4 de Março de 1959, p. 5.

⁴⁴ *Poemas junto à fronteira*: Um livro do nosso camarada Fernando Couto. *In: Notícias*. Lourenço Marques, 14 de Maio de 1959, p. 5. *Poemas junto à fronteira*: Um livro de Fernando Couto. *In: Notícias da Beira*. Beira, 16 de Maio de 1959, p. 1.

⁴⁵ O poeta, por ele mesmo. *In: Uma voz cheia de vozes*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2015.

Anexo 1

NOIVADO

Vem dos cumes ou das ravinas
do mar ou das montanhas
vem do sol ou das chuvadas
dos trovões ou das calmarias
vem da lua ou das estrelas
vem dos longos desertos caminhos
vem das grandes estradas largas
vem algemada eu te libertarei
vem alada serei teu escravo
vem furibunda e o mar calará
vem muda terás a voz dos poetas
vem da manhã ou da escuridão
vem do Saara ou de Nova Iorque
vem gelada ou vem ardente
vem dos vales ou planaltos
vem não importa donde
vem não importa que nua
mas vem hoje ainda

Não venhas nós iremos buscar-te
ó minha amada de nome indizível.

(Notícias da Beira. Beira, 3 de Agosto de 1957, p. 4)

Anexo 2

A FLORESTA DOS MORTOS

(Poema em prosa)

Durante anos, impaciente, mas fecundo de esperanças, aguardei a tua carta, na certeza de que ela viria estabelecer uma curva no meu destino.

E agora, que a tua carta chegou, eis-me sereno, sem esperanças e sem projectos, tão calmo e desesperado que nem sequer a abri. De resto, imediatamente e sem custo, adivinhei tudo quanto escreveste, previ mesmo as expressões que usaste, acertando até com as imagens empregadas para descrever o nosso longínquo passado.

A tua carta falará, certamente, desse curto período de tempo que findou há 8 anos. E dirás que não esqueces, que não poderás esquecer por mais que vivas, que não é possível adiar por mais tempo a realização da esperança.

Perguntarás, com essa espantosa inocência de mulher que não acredita noutra coisa, se o meu afecto ainda perdura tão resoluto e alucinado como era nos nossos vinte anos.

E ficarás, numa trágica expectativa, a marcar os dias de espera da minha resposta, ou até mais do que isso, o meu regresso.

Como se eu pudesse regressar, minha pobre querida! Como se o retorno fosse permitido! Ou mesmo fosse permitido responder-te!... Porque eu não respondo à tua carta. O meu amor não consente que te magoe com a resposta: continuarás, minha querida, a viver na esperança.

Não, não deixei de te amar. Considero absurda essa pergunta. Essa e a outra. Como é possível deixar de amar, como é possível esquecer? Quem há que possa esquecer? Essa magnífica comodidade moral e afectiva – o esquecimento – é vedada ao género humano. A única resposta válida para o teu maravilhoso convite, a única capaz de não trair o nosso amor, consiste na irremediável constatação de que tudo isso pertence definitivamente ao passado. E o passado forma uma fronteira intransponível, é uma pantanosa floresta de mortos em constante crescimento, impenetrável aos que não apresentem o santo e senha da morte - morte provisória embora, mas nem por isso menos fatal.

Repara bem em ti quando te pões a evocar. Vê se consegues desdobrar-te, ver-te com os olhos colocados aquém desta linha, conservar-te lúcida e sem aderires por completo à mulher que vai pela floresta dentro.

Os pinheiros e os carvalhos, os caminhos e rochedos, as nascentes e as flores selvagens, as nuvens e o ribeiro, a neve e a primavera, as clareiras e as sombras das bouças - todo o majestoso cenário onde viveu o nosso amor - enganam-te com a sua quietude eterna, com a sua inabalável indiferença. São os mesmos, rigorosamente imutáveis, apesar das diferenças que conseguires notar. Até os coelhos e as perdizes, as cigarras e as formigas, até os pastores e as ovelhas, até a cabana do lenhador e o nosso penedo escavado, ficaram imóveis, paralisados no tempo e no espaço, inteiramente ao teu alcance e dispor. E tu serás o mesmo inexplicável, maravilhoso poema, que eras com os teus vinte anos: longos olhos a escurecer todo um rosto branco e róseo, uma expressão vária como um céu nublado em dia de vento, um corpo tão suave e quente como um ninho, tão belo e fresco como a água do ribeiro, tão distante e frio como a linha azulada da serra em frente, tão frágil e próximo coroa margaridas com que costumavas enfeitar os cabelos.

Talvez, nesse instante, o teu rosto, afogueado pela escalada, contraste com a brancura do cachecol que te envolve o rosto, se for inverno; talvez tragas nas mãos glicínias ou violetas, se for de primavera; talvez fiques sentada, silenciosa, de olhos rasgados sobre a planície; talvez sorrias, deitada nos fetos, a ouvir o magado canto dos pastores; talvez te escondas de encontro à acácia, tentando adivinhar se é o meu o ruído dos passos; talvez o teu corpo seja a mais irrequieta das ondas nesse mar de tormenta e gozo que vivemos no nosso escavado rochedo; talvez fites o ribeiro enquanto me perguntas, numa emoção toda contida, para quando procedermos como os outros.

Tudo isso, porém, é, minha querida, o irremediável passado, tudo isso constitui a mágica floresta dos mortos: tentássemos, num gesto insensato, ir lá e tocar-lhe, e tudo se pulverizaria, tudo entraria em decomposição, tudo assumiria um aspecto ainda mais doloroso do que esta renúncia. E, quando lá nos encontrássemos face a face, iríamos sentir que não poderíamos jamais perdoar-nos.

Mesmo se agora te escrevesse, talvez fosse apenas a explicar-te o motivo profundo e autêntico da separação de há oito anos. Explicar-te-ia tudo: a minha fuga, o meu silêncio, a minha desesperada e ardente expectativa de que ainda viesses. Perguntar-te-ia se te lembravas dos montantes, dos seus tiros de dinamite, lá acima do nosso abrigo. E tu recordarias, de súbito, aquela explosão tremenda, que fez rolar um penedo em direcção ao nosso esconderijo. Talvez então compreendesses o irreparável erro cometido, talvez agora compreendesses que a única solução para a sobrevivência do nosso

amor seria permanecer, permanecer para sempre, solidariamente esmagados com o nosso abrigo. E, porque fugimos, passámos a fronteira do passado, entrámos na floresta dos mortos...

*

Querida, isto é impossível, é falso, é monstruoso! Eu vou, vou imediatamente, espera-me no primeiro transporte!...

(*Notícias da Beira*. Beira, nº especial, Agosto de 1957, p. 39 e p. 41)

Anexo 3

O IRMÃO DESCONHECIDO

Caminho nas ruas
ao teu lado
irmão desconhecido
leio os teus jornais
fumo os teus cigarros
aprecio as mulheres
e desapareço como cheguei
de repente sem dizer nada
ao voltar de uma esquina.

Sento-me ao teu lado
no café no escritório
no cinema na tua cama
falo e fico a ouvir-te
e vejo assombrado
cheio de amargura
que não falamos a mesma língua.

Trocamos cigarros e jornais
selos usados e amabilidades
sorrímos à mesma rapariga
apreciamos devagar a chávena de café
morremos ambos de fadiga

e vejo de repente que o teu sangue
é aguado e triste isento de rancor
incapaz de se misturar com o meu
no mesmo charco na mesma barricada.

(*Notícias da Beira*. Beira, 23 de Novembro de 1957, p. 5)



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464824, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464824

Dossiê

Fernando Couto

Nélson Saúte

*Elegância devia ser o teu nome
ou mesmo graça e harmonia
ou ainda leveza, etérea leveza.*

Fernando Couto

Convivi inicialmente com o poeta Fernando Couto quando entrei para a Escola de Jornalismo em 1987, que ele dirigia, com a ajuda da mulher, Maria de Jesus, ambos de grata e saudosa memória, pela excepcional e afectuosa forma como nos acolheram e nos trataram. Fernando era acanhado quanto aos afectos, Maria de Jesus era expansiva e arrebatadora. De uma grande afeição. Muitos de nós éramos miúdos e encontrávamos neles um verdadeiro arrimo. Um ano depois, no rescaldo de uma vivência de 35 anos em Moçambique – onde vivera grande parte da sua vida, tivera filhos e escrevera livros –, ele despedia-se do país. Foi motivo para que eu realizasse uma longa e, talvez, uma das primeiras entrevistas literárias de que me lembro na minha vida.

No intervalo das aulas, muitas vezes, eu ia ao gabinete de Fernando Couto e ficávamos horas a fio a conversar sobre o ofício da poesia e os seus mistérios. Ele segredava-me alguns, do seu vasto saber. Falava-me dos seus poetas electivos. Citava-me versos como se fizesse confidências. Como se partilhasse revelações, sinalizando epifanias. Ou deixando fluir lampejos. Ali, naquela sala, os versos eram círios de uma confraria poética. Quando, em maio de 1988, fui entrevistá-lo para a *Tempo* tinha lido quase tudo o que ele até então publicara e seguira algumas das suas sugestões de livros, autores, leituras. Fernando Couto era um grande leitor de poesia. Um grande exegeta. Um sagaz intérprete. Um esteta acurado. Um poeta primoroso.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

Fernando Couto chegara à Beira em 1953 e fora na Beira, em 1959, que se estreara com o livro *Poemas Junto à Fronteira*, aos 35 anos. Nesse mesmo ano, Rui Knopfli publicara *O País dos Outros*, título provocatório do seu livro de estreia. Aliás, será Knopfli a fazer-lhe um dos primeiros e mais assertivos elogios: “Eis a beleza que encontro nos versos de Fernando Couto, a nobreza hierática e profunda das velhas catedrais, a sombria angústia das naves húmidas e a sua esperança, a ténue esperança que uma luz de vitral coa até nós”.

Relendo-o, hoje, cotejo uma influência antiga que então me escapara: a do poeta americano Walt Whitman. O seu primeiro livro é muito whitmaniano. O grande poeta da fraternidade e da esperança, autor de *Folhas de Relva*, vate da revolução americana e inventor do verso livre, celebrava e sonhava um mundo fraterno. Em *Poemas Junto à Fronteira*, o profundo humanismo e a esperança no porvir (vivia-se o tempo ulterior à Segunda Grande Guerra) dominam o lastro dos versos de Fernando Couto, largos na sua estiva e completitude: “sinto-me a dispersão dos braços da estrela do mar/ e ecoam-me no interior de búzio todos os gritos”.

O segundo livro, *Jangada de Inconformismo* (1962), surge três anos depois. “Nasci em Abril de 1924/ e pouco depois de eu brotar da terra/ uma nuvem escureceu o Sol/ e guardou-o no bolso de sobrecasaca”. O tom muda. O título, a esta distância, parece ousado. Nele não se omite o desencanto. Os poemas trazem ainda o fôlego whitmaniano. África e a sua paisagem “em chamas de amarelo e rubro íntimos” irrompem na sua escrita: “a terra de África abre a flor de duas pétalas rosáceas”. Audaz não só o título, mas a indagação que a obra transmite. Já não se trata de um poeta que apenas estende a sua solidariedade, mas que se assume numa interrogação derogante: “Que rios te correm na voz/ Paul Robeson?/ Que marulhantes graves e longos/ rios é o teu canto/ Paul Robeson?”

Noémia de Sousa, em 1950, escrevera um dos seus mais emblemáticos poemas: “Deixa passar o meu Povo”: “Mas vozes da América remexem-me a alma/ E Robeson e Marian cantam para mim/ spirituals negros de Harlém./ “Let my people go”/ – oh deixa passar o meu povo!/ deixa passar o meu povo! – / dizem.”

Veja-se: estão aqui os mesmos referentes da geração fundadora da moderna poesia moçambicana. *Jangada de Inconformismo* interpela um mesmo tempo porvindouro e tenta derruir a mesma situação ominosa. Neste livro, Fernando Couto haveria de se tornar, fatalmente – digo-o, com afoiteza –, um poeta moçambicano. José Craveirinha dedica o poema “Mesmo de rastos” a Fernando Couto: “Mesmo depois/ eu quero que me escutem/ na razão da minha voz insepulta/ e viril como um punhal// E que a terra apenas cubra/ a memória dos gestos inconclusos/ e não o sopro incontido/ dos gritos que eu gritar/ no túrgido silêncio das manhãs/ carregadas do mênstruo com que nascem”. Lutam, pugnam, contendem, propugnam por uma mesma condição, numa mesma pátria. “E na minha humana condição/ a morrer insubmisso/ e a gritar vou/ como as ondas que nascem das ondas do mar/ e morrem para se renovar”.

Fernando Couto não se resigna nem desiste da contenda na sua *Jangada de Inconformismo*. No poema “O medo e a esperança” escreve: “Quero perguntar-te e não sei os gestos/ nem as palavras mágicas ou compreensíveis/ para conjurar a mancha do medo/ que ensombra o teu rosto esculpido em negro// Não sei os gestos e as palavras mágicas/ e todavia não desisto e procuro/ certo de haver uma ponte praticável/ entre os meus e os teus olhos erguidos”. Aqui não se trata apenas do homem solidário do livro primeiro, mas está o poeta comprometido. Há uma causa subsumida. Ou melhor: subtendida. A mesma causa de Noémia de Sousa ou de José Craveirinha. A mesma insubmissão, a mesma rebeldia, a mesma subversão.

Eugénio Lisboa – que faleceu recentemente – referindo-se ao livro *O Amor Diurno* (1962) não se furtava a entusiasmados encómios: “Fernando Couto ama alucinadamente as formas, ama o gozo de as amar, revê-se nesse gozo, requinta-o, afina-o, remira-o, procura-lhe alternativas ansiosas e mais perfeitas, substitui-as, experimenta-as, larga-as provisoriamente, retoma-as...”

Lisboa era dado a mofinas verrinosas. Mas era generoso quando elogiava. “*O Amor Diurno*”, escreverá o autor da intrépida *Crónica dos Anos da Peste*, “é um livro de franca exaltação amorosa, melhor: de exaltação da beleza e do prazer. É um livro de um esteta, de um amante inequívoco da beleza, do gozo sensual...”

O corpo, o desejo, a volúpia. Logo nos primeiros versos: “anémoma sensual/ aberta ao sol a prumo”. Veja-se-lhe o apuro e a estética destes dois versos. Mas há mais. “O teu sexo radioso/ é uma ínsua doirada/ marcando a foz do teu corpo”. Ou: “E o teu sexo será/ corola deslumbrada/ ao Sol/ depois da noite”. Belo poeta.

Feições para um Retrato (1971), a obra consecutiva, é uma espécie de um poema único em vários cantos breves: “O rumor da água na tua voz/ é um fio de música no teu andar”. Outra vez o corpo, o êxtase, o amor. A necessidade do canto e a tristeza ineludível. Ou um “aprumado grito” na “agreste paisagem de dunas”. Ou ainda: “E, amando-nos,/ avivamos o traço esguio e sinuoso/ dessa fímbria de encontro de morte e de vida”.

Poeta bissexto, Fernando Couto só voltará a publicar vinte e cinco anos depois. “Ama de novo para de novo perder” escreverá em *Monódia* (1996), esse longo solilóquio. Livro que também tem o “irreprimível fascínio da asa”, ou a savana, ou o deserto, ou ainda os rios. A solidão e os exílios, regressos e deslumbramentos. As praias, o mar. Os filhos. A Beira. Todo esse “halo de ternura” de um poeta para quem nenhum país é estranho: “Emigrante da alma fazendo pátria”. Poemas de várias épocas, datas ou circunstâncias, mas nunca arredados da sua filigrana que fazem de Fernando Couto um grande poeta: “Toda a luz em redor/ se despenha nos teus olhos/ e irisada incendeia/ todo o ar que te rodeia”. Ou quando evoca a mãe: “Assim nos contemplavas,/ atenta e lúcida, carinhosa e distante,/ com velado pudor dissimulando/ um delicado e candente amor magoado”. Isto é pungente. Ou quando, no mesmo livro, escreve: “A mão de Deus moldando a curva do seio/ a mão humana traçando a curva da ogiva”. É de uma beleza indubitável.

Livro de fascínios, encantamentos e desencantos, eis o título que anuncia a obra subsequente: *Os Olhos Deslumbrados* (2001): “Do fascínio ao desencanto/ o pequeno passo, inevitável,/ dado sem cólera nem desalento/ em serenidade e lucidez.// E de novo o regresso ao fascínio/ em limpidez sem mácula,/ serena, sem mágoa, apesar do ciclo...”. Este livro é mais “um lampejo de ternura”, atravessado por alguma melancolia ou nostalgia: “A melancolia é o rio do passado/ e o olhar o suave desencanto/ todo nimbado de ternura/ de quem muito amou e foi amado.”

Esta ternura compungida denuncia o Outono da vida, a sua “incurável melancolia”. O amor, sempre. No poema “Esposa” dedicado à musa Mary (a sua Maria de Jesus) escreve o poeta: “Trazes contigo oculto o Sol/ emergindo com ternura dos teus olhos/ iluminando tudo quanto vê”. Numa sequência, três anos depois, estes esplendentes versos do mesmo poema: “Deus ao céu roubou/ duas estrelas/ e com elas fez teus olhos”. O esplendor do lirismo. A beleza das imagens. O tropo. A metáfora. Um lirismo despojado. Nele canta a Primavera (“a prenunciada Primavera”), como designa o Outono e as suas névoas: “Há um júbilo interior e secreto/ e nimbado de nostalgia/ fora e dentro de nós,/ interior e secreto/ e contudo visível”.

É um livro disfórico este *Os Olhos Deslumbrados* em oposição a *O Amor Diurno*: “Tão discreta, tão frágil, tão efémera,/ assim me encanta e me comove/ esta límpida alegria, tão leve, tão clara,/ nascendo flor de jacarandá, tão frágil e discreta”, escreverá num poema (da série “Africanos”) dedicado a Glória de Sant’Anna. Segue a mesma caligrafia, está no mesmo cálam, contudo é mais nublado. A despeito, é também um livro de cintilações. Uma delas está num poema escrito na e sobre a Ilha de Moçambique: “Nenhum sinal de vida, nenhum/ rumor ou brisa, aroma ou ave.../ apenas o canto das cigarras, o canto/ infinito e incansável”. Nada faria supor tratar-se da mítica ilha dos poetas, não fosse a data e o lugar e a desinência do brevíssimo e belo poema (“Sesta”): “O sol parou e o mar adormeceu/ na quietude luminosa do silêncio”. Belíssimos versos que sempre escaparam aos atentos exegetas da mitologia da Ilha. Alberto de Lacerda, no seu esplendoroso *Exílio*, sentira o mesmo: ““Ilha onde os cães não ladram e onde as crianças brincam/ No meio da rua como peregrinos/ Dum mundo mais aberto e cristalino.”

É também o mais africano livro de Fernando Couto, ali onde: “sem dimensão/ é rio deslizando/ lento, lento, lento/ sem caudal, sem margens,/ mais lago do que rio.// Ao calor diurno/ as conversas mansas/ no terreiro calmo.” Curiosamente, Sebastião Alba confessara em “Almoço à zambeziana sob uma árvore”: “Conto as anedotas que oiço/ noutras reuniões,/ aos meus amigos de subúrbio,/ os menos designados. E nenhum ri.”. Fernando Couto teria outra fortuna nas suas ágoras: “Ao luar e à fogueira,/ histórias sem fim/ e sem fim os mistérios,/ sensuais as danças/ e os rituais do sexo”.

Nas muitas conversas que tínhamos era frequente falarmos de Eugénio de Andrade, um poeta que povoou a minha juventude literária, e que era um dos poetas portugueses que ele mais admirava e o haviam influenciado. Era dos seus autores electivos. Aliás, não esqueço nunca estes versos de Eugénio de que eram igualmente caros a Fernando Couto: “Estou de passagem:/ amo o efémero.”

Da lavra de poetas portugueses que o tinham entusiasmado poderia incluir Antero ou Pessoa. Fernando Couto era de uma grande erudição, embora não fizesse gala nisso, nem a exibisse. Paul Éluard era a grande influência dos poetas franceses que ele sofrera, a par de Louis Aragon ou Supervielle (Jules Supervielle, poeta francês nascido no Uruguai, que eu não ouvira falar até à data). Mas havia muitos poetas que ele admirava, que ele lia, e alguns tantos que ele traduzia. E ele traduzia-os primorosamente. Não me falara de Walt Whitman. Conjecturo, a esta distância, que tenha sido uma influência que ele haveria de enjeitar com o tempo. Aliás, a sua poesia deixaria de ser abundante e era dominada por uma economia de palavras e de imagens. Os poemas passam a ser curtos, como fulgurações, cintilações, epifanias.

Naqueles anos em que a revolução catapultava todos os entusiasmos e estava na origem de muitos equívocos – como definir funções iminentemente patrióticas para a poesia –, ele ensinou-me que esta (a poesia) deveria dar livre curso à experiência mais profunda do ser humano. E disse-me algo que até me deixou estupefacto: “os poetas são loucos.” A poesia para ele resultava desse ímpeto interior, dessa necessidade de dar voz ao mais profundo do ser humano, muitas vezes às cegas e de forma imperiosa, impetuosa, posso eu acrescentar agora. A poesia era algo que vinha do mais arraigado do seu ser. Disse-me então Fernando Couto e eu anotei: “Acredito, como Maomé, que os poetas são loucos, que fazem e escrevem loucuras e andam por caminhos ínvios como cegos.”

Falámos longamente da Beira onde coordenou um suplemento literário do *Diário de Moçambique* e onde foi, com Nuno Bermudes, impulsor das coleções *Prosadores* e *Poetas de Moçambique*, levadas a cabo no *Notícias da Beira*. Foi uma actividade importante. Os livros de poesia eram de uma grande beleza. Editou poetas como Glória de Sant’Anna (*Poemas do Tempo Agreste*) ou Rui Knopfli (*Máquina de Areia*). Pertenceu ao grupo que criou o Cine-club da Beira, participou da criação do auditório-galeria da cidade, onde se realizavam exposições, recitais, conferências; na emissora do Aeroclube tinha dois programas semanais, um deles com o nome de “Luar da Terra”, título que pilhara, por assim dizer, a André Breton.

Mas também foi um exímio tradutor. Ele chamava-lhe vício. Traduzira, entre outros livros, o mítico *Rubayat*, do poeta Omar Khayyam (1048-1131). Disse-me Fernando Couto que amava e admirava este poeta persa que se rebelou contra o Islamismo, adoptando um hedonismo que poderia dever muito aos poetas e filósofos gregos, mas também aos poetas e filósofos árabes pré-islâmicos. Deleitara-se

a traduzir aquela poesia que é um cântico de amor à vida, lícido, amoroso, sensual e delicado. E, todavia, há quem tenha pretendido tomar *Rubayyat* como expressão do amor divino, quando, a seu ver, era exactamente o amor carnal e a sensualidade que o poeta persa celebrava. O mesmo que ele fizera em *O Amor Diurno*, afinal.

Naqueles anos, tentávamos atalhar um caminho da poesia lírica, do amor, da sensualidade, que estava nos antípodas do que fora o excuro poético moçambicano desde os primórdios da independência até então. Claro que havia excepções – Luís Carlos Patraquim (*Monção*) ou Mia Couto (*Raiz de Orvalho*), a meu ver, são paradigmas dessa excepcionalidade –, mas o tom geral e os ditames eram esses. Ouvi-lo discorrer assim era uma espécie de lenitivo. Senti que Fernando Couto, de algum modo, me dava os argumentos que sustentavam a via que nós, com alguma rebeldia, intentávamos. Hoje isto poderá parecer uma frivolidade, mas à época, o lugar da poesia chamada de combate, ou engajada, ou mesmo revolucionária, o lugar dessa poesia era inequivocamente decisivo. Sendo que nós, alguns de nós, víamos na poesia, lírica ou intimista, o percurso que queríamos fazer e, assim, estávamos a libertar-nos de um anátema. Um pesado anátema.

Para mim, aquela conversa com o poeta Fernando Couto teve o condão de me animar, ainda mais, a prosseguir esse caminho. Aliás, Fernando Couto, que também coordenara, anos mais tarde, no *Notícias*, em Maputo, um outro suplemento literário, era um homem que prezava a exigência e a qualidade artística da expressão literária e não se deixava amarrar aos ditames da revolução. Antes pelo contrário. Era um exegeta, disse-o e repito. Nas páginas daquele diário publicou, entre outros, dois jovens promissores que morreram precocemente: Isaac Zita (1961-1983) e Brian Tio Ninguas (1961-1987).

Isaac Zita foi a primeira grande revelação na ficção no pós-independência. Morreu com apenas 22 anos quando frequentava a Faculdade de Educação. Nascido em 1961, publicou contos no *Notícias* e na revista *Tempo* (por iniciativa de Albino Magaia, que escreveu um esplêndido prefácio, anos depois, ao seu livro póstumo *Os Molwenes*). Morreu em 1983. Fernando Couto: “O Isaac Zita possuía um sentido de contista que considerei e considero espantoso, incomparável por se tratar de um jovem proveniente do ensino técnico, tão tímido quanto modesto, tão inexperiente da vida, tão quedado dos ambientes ditos culturais!”

Brian Tio Ninguas, pseudónimo do jornalista Baltazar Maninguane, pertencia ao quadro do *Notícias* quando morreu prematuramente em 1987. Permanece inédito em livro, há poemas seus publicados por Manuel Ferreira na revista *África* e está antologado em Moçambique. A morte comete estas injustiças: atira-nos para o esquecimento.

Este era o poeta Fernando Couto que se revelava de corpo inteiro naquela ocasião. Trinta e cinco anos depois de Moçambique, retornava a Portugal. Não foi por muito tempo, felizmente. Em meados dos anos 90, Mia Couto, Manuela Soeiro (do

Mutumbela Gogo), Ricardo Timane (perecido, infelizmente) e eu próprio formámos uma sociedade editorial que se associou à Caminho – a Ndjira. Fernando haveria de regressar de Portugal e juntar-se ao projecto. Quando foi preciso encontrar um editor a tempo inteiro, ali estava ele com toda a sua generosidade, a sua imensa cultura e o seu avisado saber.

Poeta nimbado de esperança desde o seu primeiro livro (*Poemas Juntos à Fronteira*), num tempo precário e desconcertante, em busca de uma humanidade mais justa, com poemas largos como a sua ampla fraternidade, cedo Fernando Couto irá conhecer a disforia do desencanto e procurará na sua *Jangada de Inconformismo* contraditá-la. O amor, a sensualidade e o corpo em *O Amor Diurno* poderão ser uma espécie de evasão desse tempo ingeneroso. Essa fuga do poeta, por assim dizer, que se exila num monólogo (*Monódia*) longo consigo próprio, entre os seus exílios, deslumbramentos e desencantos, seja no lugar das origens ou nas paisagens africanas, que impregnam a sua obra (toda, mas sobretudo *Os Olhos Deslumbrados*) de uma ternura, ainda que magoada, incapaz no entanto de se entregar à desesperança ou à ruína da esperança. Afinal, Fernando Couto fora sempre um poeta da ilusão, do sonho, da crença. A sua poesia é um crédito ao futuro. Uma profissão de fé. Navegou sempre na mesma jangada em busca dessa fronteira. Entre o primeiro e o último livro há uma espécie de solstício. É um ciclo poético harmonioso, coerente. É o arco da sua biografia, da sua vida e do seu destino.

Fernando Couto: “Por isso canto poemas algo inesperados/ opacos sussurrantes e gratuitos como ventos/ que todavia transportam invisíveis esporos/ de sentido fechado como ouriços do mar/ de agudos espinhos para mãos inábeis/ e escondendo por dentro limas de esperanças”. Este poema de a *Jangada de Inconformismo* diz quase tudo da biografia poética de Fernando Couto. Em 2007 publicou uma antologia poética, *Rumor de Água*, que é uma espécie de breviário. Lá está o melhor da sua *ars poetica*.

Fernando Couto era um homem de uma grande elegância, de uma incomensurável sabedoria e de uma humildade desarmante. Não tinha soberba e, no entanto, era um grande poeta. Era um homem que amava poetas e partilhava esse amor ineludível pela poesia e pela vida. Era, diria até, de um grande humanismo. Viveu até ao fim fitando a vida com “os olhos deslumbrados”. Também aprendi com ele a deslumbrar-me com os “milagres da vida”, como ele queria neste belíssimo poema:

São estes ainda,
os olhos da infância,
deslumbrados,
deslumbrando-se
aos milagres da vida:
a intacta pureza das crianças,
os luminosos rostos feminis,

a limpidez das nascentes,
os cambiantes do fogo...
tudo, tudo quanto é beleza
ou lhe deslumbram beleza
os olhos deslumbrados.

Fernando Couto

A 10 de Janeiro de 2013, Fernando Couto apartou-se deste mundo. Tinha 88 anos. Nascera a 16 de Abril de 1924. Passam agora 100 anos. Guardo-o ciosamente na memória, sobretudo pelas conversas quase secretas e subversivas (para mim) que tivemos, primeiro na Escola de Jornalismo, nos longínquos anos 80, mais tarde na Ndjira, ou noutros convívios literários, nos quais muito aprendi do ofício e da loucura de ser poeta.

KaMpfumo, 15 de Abril de 2024



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464825, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464825

Dossiê

Fernando Couto: Relação entre o homem, a cultura e a sociedade

Rui Rocha¹

A importância e a dinâmica de uma pessoa das letras, da cultura são sempre o princípio para a diversidade cultural ajudar-nos a reconhecer e a respeitar as diferentes manifestações que moldam a identidade de um povo. A nossa cultura, as nossas tradições e costumes são os elementos que moldam a nossa identidade e que promovem a diversidade cultural de um povo, de uma sociedade. Quando, em 2001, iniciei o meu caminho neste vasto mundo editorial, ouvi o nome Fernando Couto. Tentei perceber melhor quem era a pessoa e enquadrar a sua importância no mundo do livro, e perceber o que de bom se fazia, pois, estando a trabalhar nesta área, seria importante compreender os contextos e análises que existiam.

Estando numa área diferente da minha, nesta “aventura” de publicar livros, não tivemos uma grande relação, mas percebi que era uma referência para muitos escritores moçambicanos e que, através da construção da identidade e autoestima por meio da educação cultural, alcançava respeito e convívio com culturas várias que possuem diferentes hábitos, tradições, religiões e modos de pensar, descobrindo a importância de cada uma delas para o mundo. Conseguia em várias publicações dos seus autores absorver tudo isto.

Na minha perspectiva, Fernando Couto olhava para a cultura como algo dinâmico na existência humana, partindo do facto de que um país ou indivíduo que não tenha a sua própria cultura, dificilmente,

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

¹ Rui Rocha é editor da Alcance Editores.

conseguiria difundir a mesma. Preservava a singularidade da literatura com valores culturais, olhando de várias vertentes. Primeiro, como agente cultural; depois, como alguém que valorizava a cultura, difundindo a arte da escrita, como espectador, apreciando os diversos trabalhos culturais e, por fim, como aglutinador da própria cultura, permitindo a tal identidade cultural, em níveis diferentes. A necessidade de comunicação estava sempre patente no seu mundo, “gerando” a cultura e o seu consumo artístico em todos os que o rodeavam.

Em 2006, trabalhamos juntos durante um curto período, o que deu para entender o amor e a paixão que tinha pelos livros, pela literatura e por esta área cultural. A sua experiência era vastíssima: jornalista, poeta, editor e tradutor; deixou uma extensa obra escrita e uma herança editorial histórica para Moçambique. Disse-me uma vez que a responsabilidade social está centrada em formar um cidadão com competência para desenvolver as suas actividades e era o principal valor para a confiança dos escritores *vs* editores. Achei muito interessante esta abordagem, e claramente mostrou a importância que dava aos livros e à literatura. Foi um dos primeiros impulsionadores para que os escritores moçambicanos começassem a publicar fora de Moçambique e a serem conhecidos, mostrando a qualidade do que se escreve neste nosso belo Moçambique.

No ano em que comemoraria 100 anos, é justíssimo que se façam todas as homenagens a esta personalidade cultural de Moçambique, sabendo que muito do que se fez no campo da literatura se deve ao seu comprometimento e seriedade neste tão difícil ramo da cultura que Fernando Couto abraçou.

Costuma-se dizer que existe uma relação entre o homem, a cultura e a sociedade. Deste modo, não existe homem sem cultura e cultura sem homem. Fernando Couto praticava cultura diariamente e ao longo do tempo. E a própria cultura reproduzia o homem Fernando Couto, através do processo de socialização e educação.

Maputo, 17 de abril de 2024.



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464826, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464826

Dossiê

O legado na área do Jornalismo

Simão Anguilaze

Em 1986, terminei a 11^a Classe em Nwachicoluane, distrito de Chókwe, província de Gaza. Contrariamente ao meu desejo de formar-me em Economia na Universidade Eduardo Mondlane/UEM, o Ministério da Educação colocou-me na Escola de Jornalismo, para fazer um curso Médio, seguindo um critério que nunca me foi explicado. Num primeiro momento, fiquei contrariado, pois via fugir o meu sonho e o dos meus pais de fazer um curso superior de Economia.

No entanto, na Escola de Jornalismo tive a devida compensação: o meu encontro com o grande jornalista, escritor e intelectual Fernando Leite Couto. Ele era o director da Escola. Sempre presente e atento. A Sra. Dona Maria de Jesus Couto, sua esposa, era a chefe do internato da escola, onde eu vivia. Uma sorte e um privilégio ter este casal como tutor.

Em Maputo, deparei com uma nova realidade. Uma nova forma de mover-me entre as pessoas e pela cidade, vindo de uma escola pré-universitária rural, que tinha dificuldades de várias ordens e em que o meu contacto com a leitura e a cultura em geral era limitado. Antes, interessava-me mais a leitura de reportagens do jornal *Notícias* e da revista *Tempo* e não livros.

Recordo-me de alguns dos meus colegas de turma: Néelson Saúte, Rui Machango, Leonardo Jr., Simeão Ponguana, João Matola e Emanuel Langa. E, quanto aos professores, resgato Álvaro Belo Marques, Leite Vasconcelos, Mota Lopes, Augusto Carvalho e Gilberto Matusse. Mas ressalta-me sempre à memória Fernando Leite Couto. Ele conversava muito comigo, fora da sala de aula, tentando, certamente, passar-me este “bichinho” do gosto pela leitura. Não tardou que num certo dia me escolhesse para chefiar a biblioteca da escola. Isso transformou-me profundamente, pois a biblioteca passou a ser o meu espaço de estudo, leitura e até de lazer. Comecei a ler intensamente, desde Literatura geral até História, sempre sob orientação e incentivo tutelar do Mestre Fernando Couto.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

Como corolário disso, o estudante tímido que eu era, vindo da aldeia de Nwachicoluane, tornou-se um dos melhores alunos da turma e com isso ganhou uma bolsa de estudo para fazer o curso superior de Jornalismo em Portugal.

Hoje, sou um profissional sólido da área de comunicação, certamente graças às bases que adquiri na Escola de Jornalismo, com a preciosa visão e ajuda de Fernando Leite Couto. Bem haja, o mestre e sua esposa!



O campo visual de Fernando Couto

José dos Remédios¹

O poeta escreve principalmente para os olhos.

The botanic garden, Erasmus Darwin

O verso é um dos mecanismos privilegiados da expressão poética. O verso expõe, exprime e constrói; no verso se revelam as sensações e o efeito visual da palavra. Claro que esta asserção não é abrangente a todos os poetas. Pois sempre há aqueles que, no acto da escrita, preferem as armas à delicadeza. Nesse caso, o poema é uma praça de combate, na qual os sujeitos atiram para matar e quase nunca se julgam capazes de sarar feridas que magoam o mundo. Na verdade, quando Fernando Couto começa a publicar livros, em 1959, na cidade da Beira, vários autores africanos e de outras regiões encontravam na escrita uma possibilidade para denunciar, confrontar ou enfrentar regimes políticos totalitários. No caso do poeta, não obstante a sua aversão ao fascismo dominante em Moçambique, desde *Poemas junto à fronteira* que a escrita literária é um chamariz para a liberdade da alma com base nas abstracções sensoriais. Aqui, a poesia é consentida numa espécie de negociação entre o sujeito e o objecto.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

¹ José dos Remédios é docente, ensaísta e jornalista. Mestre em Educação/Ensino de Português, pela UP-Maputo, e Licenciado em Literatura Moçambicana, pela UEM, possui publicações em Moçambique, Angola, Portugal, Brasil e Eslováquia. Escreveu guiões de vídeos em homenagem a Marcelino dos Santos, Joaquim Chissano, Ungulani ba ka Khosa, Dom Dinis Sengulane, Mia Couto e Paulina Chiziane. Foi guionista, técnico de som e fotógrafo do documentário *Maputo*, adora. É autor de *O horizonte e a escrita* (2020) e organizou *José Craveirinha: a voz do nosso tempo* (2022) e *O inventário da memória* (2024).

Não obstante essa particularidade sensitiva, a obra de Fernando Couto é um exercício sobre os afectos e sobre as representações imagéticas dos espaços. Na sua métrica, o acto da verificação corresponde, geralmente, a uma exigência criativa flutuante, todavia numa superfície experiencial à que os moçambicanos pertencem. Mesmo sem uma alusão directa aos eventos, a enunciação atravessa a dimensão do palpável para regenerar o sentido de apreço ao território e à simplicidade das pequenas partículas circundantes. Nesse sentido, não se trata de uma escrita megalomaniaca. Pelo contrário, a obra poética *coutiana* sedimenta uma opção demiúrgica assente no que muitas vezes é invisível: os *choros em silêncio*, as *infalíveis andorinhas*, as *flores selvagens*, a *resina das árvores*, a *vaidade dos peixes* e as águas cristalinas. Todas estas metonímias interferem na definição da linguagem lírica, o que a torna um objecto de reflexão e de filosofia (Kristeva, 1988, p. 13).

A aposta dos sujeitos poéticos no campo visual confere ao poema uma grande riqueza ambiental. Ao reconhecer as particularidades naturais ou culturais, o leitor faz-se membro integrante de uma circunstância e de um conceito de poesia comprometido com *o fundo pardo das coisas*. É nessa subjectividade temática e estética na qual se capta a memória do que o poeta pode ter sido durante o tempo que escreveu. Portanto, há, na poesia de Fernando Couto *Feições para um retrato*, claro está, imagens não tão assertivas quanto na obra de Rembrandt, mas igualmente desconcertantes na mínima fixação do real. Nos livros do poeta, a escrita é a sugestão do que o mundo muitas vezes não é na ignorância dos homens e das mulheres, é um questionamento sobre como se pode ser tão virulento quando o universo é tão ilimitado para *O amor diurno*. Há aqui uma literatura subtil que se prende às imagens circundantes porque garantem a composição física das estrofes, na sua variedade conceptual e gráfica. Consequentemente, parafraseando Wimsatt e Brooks (1980, p. 310), a arte [de Fernando Couto] aperfeiçoa a natureza, embora ao mesmo tempo não possa competir com a sua condição de força:

Nem o verão mais árido secava
o verde musgo na parede do pátio.
Do longe, entrava o azul dos montes
quando se abriam as rasgadas janelas.
Era suave o ranger das madeiras
ao sabor dos passos nos antigos soalhos.
As frutas, plantas secas e o vinho
embalsamavam de aromas
a frialdade de pedra da adega.
Era tão denso o silêncio à noite.
como se embalasse a velha casa.
Era o frio de água nos lençóis

ao abrir da cama no inverno
e era a carícia da frescura no pátio
nas tardes calmosas de verão.
Os pássaros refaziam as primaveras
transformando em ninhos os buracos
nos xistos da parede antiga.

(COUTO, 2001, p. 43).

O poema acima, “Lar”, foi escrito a 1 de janeiro de 2001 e integra o último livro inédito de Fernando Couto. Por um lado, o texto reafirma a capacidade imaginativa do autor na combinação de elementos naturais e artificiais no acto da poesia. Esse é um exemplo da sua oficina e, inclusivamente, revelador de uma sensibilidade voltada para visão, sem excluir da órbita poética, no entanto, a relevância do olfacto e do instinto. O seu poema é a totalidade dos cenários (im)prováveis, até porque para o poeta a imagem peremptória é a própria coisa (Barthes, 1981, p. 70), isto é, a imagem é a causa e a finalidade; o seu poema é o resultado do que a Natureza oferece e o Homem concretiza. Por isso mesmo, *o verão, a parede, os montes, as janelas, as plantas, o vinho, a pedra, a adega, o frio e os lençóis* são fragmentos da mesma nota musicada pelo ritmo do poema.

Por outro lado, o poema “Lar” corporifica a hierarquia das estruturas visuais em harmonia com o que é questionável: *seio do silêncio, ar cristalino* (poema “Aldeia”), *ascensão do corpo e alma* (poema “Montes”) e *alma da floresta* (poema “Floresta”). Esses elementos fazem a imagem e a imagem dá sentido ao verbo, conforme também se pode verificar num outro poema, “Na esteira de Zorba”, publicado no quinto livro de Fernando Couto, *Monódia* (1987):

Vê tudo quanto te rodeia
em cada instante e lugar.
Vê atentamente. Observa
e contempla se for caso disso.
Observa e procura vislumbrar
a secreta beleza e ama essa beleza
onde quer que a descubras
sempre que o feixe luminoso
dos teus olhos a devassem
na sua face mais íntima.

(COUTO, 2007, p. 85).

Na estrofe acima, subentende-se que tudo o que se vê faz o espírito do corpo. Ver é sonhar em silêncio, é entregar-se a uma condição sem a certeza do que daí pode resultar. Por essa razão, o sujeito poético se enriquece em cada olhar, dando

aos versos, conseqüentemente, um sentido palpável e até mesmo fotográfico. É com a sua capacidade de absorção que Fernando Couto apresenta-se como um poeta comparatista. Contudo, nos seus poemas, além de recurso estilístico, a comparação (e a alegoria também) é uma forma de ver e (re)imaginar o observado, é uma forma de compreender e, citando Eduardo Lourenço, de se movimentar no estreito *labirinto da saudade*:

Uma dor furtiva, inesperada,
um doce frio de outono,
a comovente cor das folhas esvaindo-se,
o aroma das maçãs maduras na adega
e a visão em centelha de faces,
animais, casas, paisagens,
mesmo de abandono livremente...

A nostalgia de quem perdeu
e se resigna, mas lembra com mágoa

(COUTO, 2001, p. 48)

O poema “Saudade” exprime uma alternativa referente à composição poética de Fernando Couto. Nas suas várias publicações, os olhos deslumbram-se pelo que vêem, é certo, mas também pelo que há muito tempo deixaram de ver. A “dor furtiva, inesperada” advém dessa perda “concreta” do campo visual, pois, no instante em que o poema acontece, a possibilidade de posse sobre a matéria e sobre as circunstâncias, aparentemente, reduz-se a uma lembrança nostálgica. Para superar a mágoa de não ver o que o coração sente, de não poder estar onde a alma de alguma forma paira, os sujeitos de enunciação reinventam primaveras, contemplam a luz possível e manipulam os ponteiros do tempo. Só assim o milagre se consome com “a ressurreição da terra, dos animais, das pessoas e também das nuvens e estrelas” (p. 50), garantindo, com efeito, que o passado e o presente se toquem numa ténue sensação indelével.

Ainda sobre a saudade, “Terra de raiz” é um poema esclarecedor, sobretudo a estrofe inaugural de um total de quatro: “Por mais longo que o exílio seja/ e longínqua a terra da tua raiz,/ não se apagará a marca do teu íntimo.” (*Os olhos deslumbrados*, p. 59). Este poema, escrito a 19 de maio de 1997, tantas décadas depois de Fernando Couto se ter mudado de Portugal para Moçambique, parece transmitir o que o poeta eventualmente sentiu ou fingiu ter sentido no seu percurso. Esta ideia ganha consistência no poema “Argonautas”, publicado 12 anos antes no livro *Monódia*:

Pedregoso e seco o chão da pátria
apenas o tamanho de um brado.
Asfixiava-nos o abraço das serras

horizonte de granito urze e lobos:
ampla e aberta apenas a porta do mar.
(...)
O apelo do mar falava já na nossa voz
por isso partimos sem datas nem destinos
desse chão – nosso rancor e nosso afecto
sonhando a terra fértil sobre o mar.

(COUTO, 2007, p. 88).

Nas situações em que partem e regressam a um determinado chão, seja nos arredores de Porto, onde nasceu, ou na Beira, onde viveu 20 anos e editou quatro livros, por via dos seus sujeitos, repara-se que Fernando Couto “era um poeta que amava os momentos de evasão e contemplação”². Igualmente, era um poeta que fazia do lugar onde se encontrava a sua pátria e a poesia um canal de viagem rumo ao intemporal, ao imprevisível.

Quer nos textos de *Os olhos deslumbrados*, quer nos de *Monódia* há um poeta entregue às principais estações do ano. A Primavera, o Outono, o Verão e o Inverno atravessam uma obra literária a variar entre o verso livre-longo e o registo haicai. Nesse tipo de desequilíbrio encontra-se o amor às formas gráficas da métrica e a obediência à duração do texto. É dessa combinação que o poema funciona como casa dos que vivem das cores, da luz e da beleza incólume das flores.

Nos seus 42 anos de publicação literária, Fernando Couto conseguiu sobrepor-se aos contextos políticos e sociais. A sua obra sobrevive às questões de vanguarda ou de oposição típica da poesia ideologicamente comprometida. Ao contrário de vários contemporâneos seus, com os quais conviveu e trabalhou na Beira e em Maputo, o poeta escolheu a lírica no lugar do panfleto, a delicadeza no lugar da força e a evasão para sobreviver às intempéries ou aos ventos da mudança bruta e geralmente cruel.

Hoje, todos esses livros antologados em *Rumor de água (Poemas junto à fronteira, Jangada de inconformismo, O amor diurno, Feições para um retrato, Monódia e Os olhos deslumbrados)* adaptam-se à importância que a cor e os ornamentos da palavra têm na definição da personalidade. Nos leitores, a obra *coutiana* desperta, igualmente, o cuidado para a paisagem, o lugar e a natureza que tão-somente se irá manter no actual registo à medida que a sensibilidade pela vida nela existente for aumentando. Para os que acreditam numa poesia ecologicamente bem conseguida, preenchida do que infalivelmente move a vida e a esperança, pode ser na (re)leitura de Fernando Couto (re)descubram o que mais tem faltado no combate à degradação ambiental e humana: o amor aos outros.

Infulene, 30 de Março de 2024.

² Ver “Uma carta infinita”, dos três filhos de Fernando Couto. In *Fernando Leite Couto: uma voz cheia de vozes*, 2015.

Referências

- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- COUTO, Fernando. *Rumor de água – antologia poética (1959-2001)*. Maputo: Ndjira, 2007.
- COUTO, Fernando. *Os olhos deslumbrados*. Maputo: edição do autor, 2001.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- WIMSATT JR., William K.; Brooks, Cleanth. *Crítica literária*, 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- WIMSATT JR., WILLIAM K.; BROOKS, C. *Fernando Leite Couto: uma voz cheia de vozes*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2015.



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464828, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464828

Dossiê

Um pequeno tríptico literário: “Olhos deslumbrados”, de Fernando Couto

Edimilson Moreira Rodrigues¹

*A poesia é um instrumento de precisão para fixar a reacção
de um Homem à vida.*

Louis Mac Neice (*apud* FENSKE, 2015)

Na Voragem do Olhar – O Enredo Contínuo

A magia da palavra, o convite ao banquete das reminiscências infantis, a articulação dos sentidos envoltos na argúcia do verbo literário encontramos em Fernando Leite Couto, na delicada tessitura dos fios de sua criação – símiles à vivacidade infantil –, de que é exemplo seu poema “Olhos deslumbrados”. O poeta Fernando Couto nasceu em Rio Tinto, Porto, em 1924, tendo emigrado para Moçambique nos anos 1950, onde, mais tarde, teve papel relevante no jornalismo e na divulgação da poesia moçambicana, tendo sido coordenador da coleção “Poetas de Moçambique” (Saúte, 2004, p. 127).

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, Mestrado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão e Doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense. É professor de língua e literatura espanhola do Centro de Ciências de São Bernardo da UFMA. Líder do Grupo de Pesquisa AXOLOTL. Tem experiências nas áreas de letras, com ênfase em literaturas espanholas, brasileiras e africanas de expressão portuguesa e espanhola e, ainda, literatura infantil e juvenil de África, Brasil e Espanha.

Fernando Couto é autor das obras: *Poemas junto à frente* (1959), *Jangada do inconformismo* (1962), *O amor diurno* (1962), *Ficções para um retrato* (1971), *Monódia* (1997) e *Os olhos deslumbrados* (2001). Dessa fortuna literária surgem nossas provocações desde o poema:

Olhos deslumbrados

São estes ainda,
os olhos da infância,
deslumbrados,
deslumbrando-se,
aos milagres da vida:
a intacta pureza das crianças,
os luminosos rostos feminis,
a limpidez das nascentes,
as cambiantes do fogo...
tudo, tudo quanto é beleza
ou lhe deslumbram beleza
os olhos deslumbrados.

(Couto, *in* Saúte, 2004, p. 128)

A poesia de Fernando Couto vinca os contornos do tempo, iluminando o estatuto e a condição do humano. Funde, pois, palavra e magia na forja da linguagem, e, tal como na literatura do brasileiro Manuel Bandeira, o cotidiano é, para a obra do autor, o que o olhar, ou a voragem do olhar, ou a absorção do olhar, é para o fazer literário – um ato de deslumbramento. Nesse poema, como em parte da produção literária de Couto, quase tudo é captado do cotidiano, absorvido pela luz e pelo movimento, pela cor e pela forma que se espessam no adensar dos sentidos.

Eis, pois, um autor de apurada verve literária, cuja sensibilidade é a de um homem ilhado no poder da palavra que emana do viver centrado na delicada engrenagem dos fios da criação. Os sentimentos do humano se igualam à realização mais íntima, mais secreta, que é o fulgor das sensações – sexual, carnal e sentimental, sem olvidar, claro, o território do inefável que, em Couto, se condensa na moldura da metáfora que liberta a palavra e o ser, outrora presos, no cárcere da imagem.

Temos, assim, uma poética que contorna as escarificações do ser para saná-las com a consciência e o rigor da arte literária que prima pelo olhar do artista sábio e sóbrio. Poética, na qual o poeta participa como homem e como artífice da palavra na consolidação do tempo da criação que esmerila os olhos como instrumento de poesia.

O teórico Antonio Candido (1997, p. 69) nos diz que “certas manifestações da emoção e da elaboração estética podem ser mais bem compreendidas, portanto, se forem referidas ao contexto social”. Assim, importa destacar que a poesia em análise é

fruto de uma vivência na sociedade moçambicana, mas, no entanto, reflete, também, as invencionices poéticas de qualquer espaço e contexto social.

O poema, como todo tríptico artístico, desce fundo às travessias imagéticas do humano, pois, a estratégia de linguagem leva poesia e poeta a espaços vários da geografia literária. A poética de um tempo pretérito é arquitetada na engenhosidade da arte moçambicana, nutrindo-se das metáforas que irrompem da arte literária universal que dimana por fronteiras imaginárias entre a “emoção e a elaboração estética”.

A ideia postada no tríptico, desde os três versos finais, evoca as relações com o objeto artístico em sua dimensão significativa. O triângulo, unidade do três, é, também, suposto para o entendimento do poema, visto que equilibra os enunciados como numa redenção que busca a infância como perfeição. Desse modo, tomamos, como base, a palavra “milagres” e, no primeiro vértice, da esquerda para cima, convergem as palavras criança/fêmea; na parte superior do vértice, as palavras água/fogo; e, no terceiro, no vértice esquerdo, temos vida/beleza.

A criação infantil tem forças no desejo, nos sonhos, no albor da memória que é recuperada na poética do olhar de Fernando Couto, cuja voragem da criação divisa o conflito fundamentalmente interno do homem, buscando reencontrar a criança que foi, fazendo com que esta ganhe expressividade para poder melhor dizer do homem em que se tornou.

Há, no poema, um diálogo dramático entre dois seres – um que permite reelaborar a história emocional dos fatos da criação: a criança; e outro, o adulto, que metamorfoseia a criação, no contexto da infância, com os sentidos da invencionice literária, afirmando que “as metamorfoses do olhar não revelam somente quem olha; revelam também quem é olhado, tanto a si mesmo como ao observador” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 653).

Couto compõe uma poesia comprometida com os sonhos e devaneios decalcados dos olhos da infância, visto que os olhos deslumbrados da criança derramam, sobre o social, as experiências expressivo-linguísticas, a descoberta do lúdico, a ternura de um momento captado no evanescente, quando o autor, num modo idiossincrático de escrita do poema em análise, articula vida social e vitalidade verbal.

Por esse prisma, a linguagem infantil desvela mundos fascinantes, no drama estético da reelaboração: o fazer poético se reestrutura na magia da criança, como a declarar – “Agora escrevo. E se escrevo./ É porque imito o canto/ desse fruto já homem” (Baptista, *in* Saúte, 2004, p. 394).

O presente artigo será dividido em três momentos. No primeiro, interpretaremos os cinco primeiros versos, como um retábulo do itinerário de leituras. Nos quatro versos seguintes, segundo retábulo, elaboraremos ideias sobre o deslumbre: criança, feminis, nascentes, fogo e suas implicações na construção visível do “milagre da vida”. Nos três últimos versos, na magia do retábulo conclusivo, demonstraremos

as nossas (in)certezas, reconstruindo o texto em sua estrutura, realçando-o como pequeno retábulo poético, no mosaico de criações de Fernando Couto.

Dito assim, a produção aqui desenvolvida é aquela que perscruta a ação do sujeito literário, símile ao ser de tenra idade, como enredo contínuo do artífice da palavra – o poeta. A metodologia utilizada procurará, pois, descortinar situações sociais do sujeito nas veias em fúria do sentir histórico e literário, concatenados desde o poema “Olhos deslumbrados” (Couto, *in* Saúte, 2004, p. 128).

Com base nos excertos atomizados, poderemos afirmar que o prazer estético e o fascínio pelo conhecimento estão aí presentes, quando do texto emanam imagens artisticamente elaboradas pelo eu-lírico que “tranquilo e devagar entr(a) na aldeia” (Couto *in* Leite, 2007, p. 28), metáfora da própria linguagem.

Sob a orientação dos ensinamentos de Nelly Novaes Coelho sobre a análise da poesia, fragmentamos o texto de Fernando Couto em três segmentos, buscando a compreensão de que,

A análise de texto atomiza o texto poético, fragmenta-o em seus vários elementos constitutivos. Destrói de início a beleza e emoção do poema, para que, numa síntese final, com suas partes outra vez reintegradas no todo, o poema surja aos nossos olhos muito mais rico em suas significações e muito mais belo em sua dimensão criadora. (Coelho, 1986, p. 51).

A primeira análise “atomiza” os cinco primeiros versos, destacando o que precede os dois pontos: os olhos plenos das elucubrações adjetivadas, que abrem a sequência ao definir, ao longo do texto, os “milagres da vida”.

Retábulo 1 – No itinerário da iniciação

São estes ainda,
os olhos da infância,
deslumbrados,
deslumbrando-se
aos milagres da vida:

(Couto, *in* Saúte, 2004, p. 128)

Quando o poeta diz “deslumbrados”, observamos a recepção do mundo, em primeiro alumbramento, e, depois de “deslumbrando-se”, há uma reelaboração do absorvido pelo olhar que aparece como símbolo e instrumento de uma revelação: a poética do mundo. Vale afirmar que o pronome “estes” evidencia a potencialidade das metáforas simples e singelas albergadas em “olhos”, “infância”, “milagres”, “vida”.

No texto de Couto, a poesia é testemunha da criação, da revelação como “milagre”, pois “são estes ainda” o constructo do interlúdio que separa tempo e sujeito, na emanação da canção poética, como espólio da invenção que será deslumbrado pela infância, ao deslumbrar-se diante das odisseias da vida, como “milagres”, no deslumbre dos sujeitos em processo de formação: a criança e o poeta, personagens da poética do fantasiar.

Na criação do literário, Fernando Couto “reproduz e determina, com penetração compreensiva e linguagem adequada à matéria, a estrutura íntima, as normas estruturais peculiares, segundo as quais uma obra literária se processa, se divide e se constitui de novo como unidade” (Staiger, *in* Candido, 2006, p. 28) e revelação dos atributos do verbo/poesia. No excerto do poema em análise, há um “desdobramento verbal” da figura de estilo, amplificação, isso porque o poeta desenvolve o nível do pensamento, a partir das circunstâncias do enunciado (“milagres da vida:”), o qual se amplifica à conclusão em “tudo”.

O olho, no poema em questão, é o responsável pela captação da energia do mundo em matéria da palavra poética, onde culmina o ponto de convergência das imagens que brotam do poema e dele se afastam para buscar o ser que olha o mundo, no sentido pleno da palavra metáfora – através da criança que percebe o olhar como processo de construção, na apoteose cíclica das descobertas: “deslumbrando-se”.

Nesse poderoso ato cíclico, o roteiro de travessias de temporalidades: sociais, históricas e literárias (in)forma que há constantes e lógicas relações de contiguidade, tempo/olhos, infância/deslumbre, que figuram como sinédoques dos sujeitos: o momento da escrita recupera o tempo vivido, visto e revisto pela retina do olhar; a tenra idade da infância designa o mais intenso, como parte do todo, na sinédoque de longo alcance – “os milagres da vida”, melhor, o milagre da poesia.

Poema e poeta coexistem na feitura dos versos dentro da usina do ser e fazer, visto que, mesmo adulto, o sujeito lírico compreende que o reino da invenção está ainda lá, nos “olhos da infância, como uma intacta pureza, ou como embrião revelando – “o estado prévio à obtenção do conhecimento” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 302), no caso, o literário que o desperta para olhar, como outros poetas africanos, o mundo da infância, como manancial da criação – “Bebo um barco que ao longe passa/ e traz-me inevitavelmente/ uma sensação de infância” (Velhinho *In: Apa et al.*, 2003, p. 175).

Nesse uso solene de orquestração da linguagem, os poetas elencam a palavra desde o objeto olhado, escandido pela sensibilidade que se engravida no universo infantil, com palavras/imagens vivificadas no social, mas captadas desde o olho como “símbolo de conhecimento, de percepção sobrenatural” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 653), imagens propiciatórias à leitura do mundo.

Retábulo 2 – Visibilidade dos milagres da vida

a intacta pureza das crianças,
os luminosos rostos feminis,
a limpidez das nascentes,
as cambiantes do fogo...
(Couto *In*: Saúde, 2004, p.128)

Na progressão das ideias, o uso dos adjetivos certifica a substância do fazer poético através do ser que as recupera, na magia do olhar vivaz das “crianças”, posto que, como enunciado desde o deslumbre inicial do poeta (“os olhos da infância”), liberam o veio da reflexão. Esta habita o consciente do autor que a iguala ao eu-poético em sua magistral comparação. O que sente consegue expressar como poeta que escreve com a pureza infantil na descoberta das palavras, em permanente durabilidade – “a intacta pureza”.

Em “os luminosos rostos feminis”, percebe-se a delicadeza que dá coesão ao símbolo do fogo, qual abrasamento das ideias, claridade dos noviços, que serão incendiados desde a sedução do sintagma “feminis”, cujo sentido é associado, pelo poeta, à infância, ao fogo, à certeza do contínuo humano.

O poeta reelabora os sentidos do vivido percebidos em forma de poesia que, no poema, mergulham no mar da infância. O fogo como símbolo de transformação, qual a imagem da criança, transcende as fases, cresce, toma altura, vibra e morre. Ele transforma o solo na acirrada reviravolta de trazer alimento certo da renovação, pois, através de um rito de purificação – “os incêndios dos campos *que se adornam, após a queimada, com um manto verdejante de natureza viva*” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 441, itálico dos autores) –, certifica o deslumbre da vida.

Os “deslumbrados”, desde “rostos”, primeira apropriação do olhar ao humano, confirma a sedução iluminando a vida. O princípio antagônico desde a sutil inversão, singular, plural dos artigos, dualiza feminino e masculino, nos conectivos “a, os, a, as” que dimanam os vigentes – criança, rostos, nascentes, fogo.

Antonio Candido nos declara que “Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma ‘expressão’” (Candido, 1985, p. 139). A intuição de que tudo se regenera, desde a metáfora do fogo, aqui comparada ao elemento da infância, torna a obra do autor “uma confiança” partilhada com o esforço do pensamento que concebe o solidário ígneo como rito de passagem – criança/homem.

Dito assim, com a aquiescência do texto de Eduardo White, o elemento fogo, como símbolo caro à criação poética, confirma o sentido da palavra em ardência de renovação: “O fogo arde como se quisesse fugir do chão,/ das suas caveras metalúrgicas,/ ascende ao impulso dos foguetões,/ à infância astral, à casa solar” (White, *in* Apa *et al.*, 1983, p. 245).

Em “as cambiantes do fogo” temos o retorno ao *locus* inicial, “à infância astral”, marcante nos dois poetas. Visto que o fogo, como o homem que perscruta a infância, “opõe-se,/ insubmisso, a morrer” (White, *in* Apa *et al.*, 1983, p. 245). O poeta capta o brincar com palavras como algo que resiste ao tempo e aos ditames da própria vida infantil, qual símbolo de pureza, na cri(ação) infantil/poética: a “intacta pureza das crianças”.

A regeneração, vida que alberga a infância, está pactuada em “rostos feminis”, através da simbologia do feminino, que proporciona perceber a beleza que culmina com o contato dos corpos, quando “os olhos” tecem a aliança. O iluminado, pelo contínuo dos seres, é marcante na certeza de que os homens se encontram, desde a metáfora bíblica que apregoa: “e no princípio fez-se luz”, simbolizado no verso – “luminosos rostos”.

O ritual do religioso e a limpidez estão marcantes em nascimento que são renovação e descoberta, clareza e iniciação. Aqui, o étimo “nascentes” tem dualidade de sentidos: o que nasce simbolizado na criança, e o que gera vida como símbolo da “limpidez das nascentes”, a água.

No percurso das águas das nascentes, visualizamos o mar, como certificação de outro contínuo que é mediação de nova vida, mas também morte, em função da água salgada. Idem para o percurso da infância, pois o homem que, “nas cambiantes” do tempo, gesta a pureza das coisas, tempera com o sal das lembranças o princípio antagônico da criação: nascente/morte.

No verso “as cambiantes do fogo...” o poeta afirma que ele, o fogo, aquece e transforma a vida em alimento; simboliza, ainda, o calor primeiro, a combustão dos corpos, a feição do revelado, a iluminação que ausculta o fulgor do desejo. O fogo aquece e clareia os trajetos, doa vida e morte, nas ações cambiantes do ser.

O fogo, aqui, faz a cesura do perdido, o que dá vitalidade, doa o signo da forja ao alquimista da linguagem, o poeta, posto que “O homem é fogo, diz São Martinho; *sua lei, como a de todos os fogos, é a de dissolver (seu invólucro) e unir-se ao manancial do qual está separado*” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 440, itálico dos autores). O fogo/homem, no texto, é práxis da vida adulta captada pela pedagogia infantil.

Retábulo 3 – Na magia da conclusão

tudo, tudo quanto é beleza
ou lhe deslumbram beleza
os olhos deslumbrados.

(Couto *In: Saúte*, 2004, p. 128)

O signo da beleza está imantado em dizer que tudo que é belo é captado no deslumbre do olhar, como no tempo da infância. No entanto, o que ainda não o é, na magia da arte, ganha beleza. O deslumbrar é absorvido pelo poder da invenção da arte que transforma a

experiência infantil em matéria de poesia, comparada ao processo de concepção, gestação, crescimento e morte. Processos que são transformados em momentos de reflexão e beleza, quando captados pelo olhar e seus desdobramentos.

Vocacionado a escandir o olhar, o poeta predestina a aventura do humano poético que ainda existe em todos os seres. Ele é, pois, o sujeito que tem o domínio dos instrumentos que representa, na ordem da criação literária, o saber da interioridade e o sentir da exterioridade dos seres.

O espaço das descobertas, envolto no magma da beleza, está margeado pela sensibilidade da criação, posto que “O olhar é o instrumento das ordens interiores: ele mata, fascina, fulmina, seduz” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p.653).

Em “Olhos deslumbrados”, o verso síntese dá título à obra, onde o poema foi originalmente publicado. Dessa forma, o livro *Os olhos deslumbrados* é criação e recriação da imagem epigráfica do poema que, por sua vez, reduplica títulos. Eis, pois, um duplo aspecto do enigma da criação imagética de Fernando Couto.

Esse texto revela, assim, “um reator e um revelador recíproco de quem olha e de quem é olhado” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p.653), pois o lado dual que une criança e adulto, criação e recriação, homem e poeta, traz o espelhamento que reflete dois seres.

Desse modo, o dual está presente em todo o texto. A expressão remete ao que está junto e ao que se separa do outro, como o ser infantil que, no momento da criação, retorna, supostamente, ao homem, com vistas à construção do mundo literário que permite o uno, cotejando a recuperação do tempo da infância através do olho, “símbolo da percepção intelectual” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 653).

Temos, pois, no verso, criador e criatura, como germe da evolução criadora, na temática que enlaça criança e poeta. Nessa dualidade, o título reduplica o estado de transição, infantil e poética, na ambivalência das etapas entre (re)invenção e (re)criação. Assim, o poema como mote de criação do livro se equipara às fases da criança, como retorno ao estado embrionário da dupla invenção humana e artística, ambas visíveis no poema.

Fernando Couto é um escritor de inteligência aguda e poderosa, maneja as palavras como alquimista da sensibilidade; nela aloja os rigores da emoção, doando “fogo e vida” como emblemas dos deslumbres, na ressonância de um tempo/criação que urge resgatar para não esquecer – a infância.

Sua poética revela a excepcional eficácia expressiva de tudo quanto é traduzido pelos “olhos deslumbrados”, posto que encontramos rastros de uma infância que exprime momentos lúcidos e lúdicos, na moldura de um período que se reelabora nos signos da poesia.

O sujeito poético reafirma, assim, que “a literatura de imaginação ou de criação é a interpretação da vida por um artista através da palavra” (Coutinho, 2008, p. 49), sendo, por conseguinte, uma descoberta na forma do dizer, que se transforma em poemática das emoções, artesanaria de linguagem singela, transbordante de adjetivos evanescentes: “intacta pureza”, “luminosos rostos”, “limpidez”, “cambiantes” que culminam em “tudo, tudo quanto”.

O tema central do poema, os deslumbres da vida, é reduzido ao que o poeta considera como milagres – crianças, rostos feminis, nascentes, fogo. Depois dos dois pontos, a enumeração ganha vitalidade pela coesão do uso do verbo inicial: ser – “são estes”. Dito assim, pela escolha lexical do verbo ser, o poeta esmera sua arte em objetos fixos pelo poder do verbo.

É notório que Fernando Couto “revela-nos algo fundamental para a compreensão da literatura através dos tempos: os séculos passam, as civilizações se sucedem, as formas de vida e de arte se transformam, mas os impulsos básicos da condição humana continuam os mesmos” (Coelho, 1986, p. 108), qual milagre da criação: humana e artística. Milagre que leva o ser humano à realização interior, o homem como ser individual, o que o faz encarar e perscrutar os mistérios da condição humana através da arte, que o insere, também, em uma dimensão social.

Quando da estratégia conclusiva em “Tudo, tudo quanto é beleza/ ou lhe deslumbram beleza/ os olhos deslumbrados”, o verbo ser, através da zeugma, doa, em conclusão, um dos aspectos verbais mais importantes que “é o seu esforço por fixar a essência psicológica do tempo” (Coelho, 1986, p. 91-92). Além disso, como princípio onipresente no poema, a metáfora infância, oculta no verso final (“os olhos deslumbrados”), proporciona o enlace com o primeiro verso “olhos deslumbrados da infância”. Ou seja, o verso final, além da omissão do verbo ser, omite “da infância”, concluindo o poema com o poder da “metáfora hiperbólica”, (Tasende, 2000, p. 475), “da infância”.

Dito assim, na fixação dos sentidos da escrita/criação, o significado de “são” define o manancial do que é a beleza, no universo da linguagem como possibilidade de recompor o trânsito do tempo e das coisas, posto que o verbo “é a palavra que surge para dar nome à Vida em seu fluir constante” (Coelho, 1986, p. 92, maiúscula da autora). Vale o destaque, também, para a reiteração do elemento intensificador, “Tudo, tudo quanto é beleza” (negrito nosso), que ara o solo da linguagem para declarar, são “os olhos deslumbrados”.

O “tudo” nos desperta a pensar na matéria cantada, desde o modo como o poeta expressa a dinâmica da vida, a beleza de um estado que origina o fluxo da consciência, a excelência do viver em sua plenitude, que, por fim, está “indicando uma ação objetiva que todo mundo pode praticar” (Coelho, 1986, p. 91), ou seja, a arte literária como participação na dinâmica da vida, ao fixar a essência dos que têm “os olhos deslumbrados” da infância.

Síntese Final – Retábulos Reintegrados

Nossa análise demonstrou que a obra se estrutura pelos signos – “Olhos”, “infância”, “fogo”, que, literariamente conotados, culminam na revelação da vida infantil como metafórica fonte/nascente de criação. Nesse périplo da transformação, entendemos que “uma obra literária se processa, se divide e se constitui de novo como unidade” (Staiger, *in* Candido, 2006, p. 28), visto que o tempo da infância, assim como o tempo da criação poética se constituem como unidades criadoras.

Posto assim, depois das reflexões de Nelly Novaes Coelho (1986), é hora de reintegrar as partes ao todo do poema. E, nesse caso, nossa leitura contribuiu para afirmar que, no texto de Fernando Couto, o olhar funciona como um ícone poético a desvelar o fascínio da vida, invocando o ser criança que ainda há no homem como há, também, no poeta, simbolizado desde o ato do olhar que lhes confere (ao homem e ao poeta) eficácia, uma vez que “O olhar é carregado de todas as paixões da alma e dotado de um poder mágico” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 653).

O texto ratifica a força que emana dos escritos de Fernando Couto, no que o poema recupera a vida sensível captada, tanto do olhar vivificante do poeta, como da “intacta pureza da criança”, afirmando que o escrito é tão ou mais importante quanto o vivido. Pois o escrito traz a força da liberdade, a vocação em escrever a vitalidade da vida recriada no literário, através dos

Olhos deslumbrados

São estes ainda,
os olhos da infância,
deslumbrados,
deslumbrando-se,
aos milagres da vida:
a intacta pureza das crianças,
os luminosos rostos feminis,
a limpidez das nascentes,
as cambiantes do fogo...
tudo, tudo quanto é beleza
ou lhe deslumbram beleza
os olhos deslumbrados.

(Couto *In*: Saúte, 2004, p. 128)

Em suma, no poema “Olhos deslumbrados” entrelaçam-se as coordenadas de tempo e lugar (estes), vida e morte (água/fogo), criação e pureza (feminis/criança), estética e beleza (cambiantes/deslumbrados), renovação e claridade (nascente e infância). Nessa fragmentação, no albor da enunciação do texto poético, o lemos “como forma suprema de atividade criadora da palavra” que objetiva o “acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva” (Candido, 2006, p.19).

Por fim, após a cesura do texto “Olhos deslumbrados”, de Fernando Leite Couto, o percebemos como “um instrumento de precisão (que fixa) a reação de um Homem à vida”, pois, depois da análise/reação, desejamos que – “o poema surja aos nossos olhos muito mais rico em suas significações e muito mais belo em sua dimensão criadora” (Coelho, 1986, p. 51).

Referências

- APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre. *Poesia africana de língua portuguesa*. Antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEEBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *O ensino da literatura*. São Paulo: Quíron, 1974.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura & linguagem: introdução aos estudos literários*. São Paulo: Edições Quíron, 1986.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- COUTO, Fernando. *Rumor de água* (antologia poética). Organização de Ana Mafalda Leite. Maputo: Editorial Ndjira, 2007.
- DE MAN, Paul. *Alegorias de la lectura*. Lenguaje figurado en Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust. Barcelona: Lumen, 1977.
- FENSKE, Elfi Kurten (org.). *Fernando Leite Couto: uma voz cheia de vozes*. Templo cultural. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2015/05/fernando-leite-couto.html>. Acesso em: 27 agosto 2023.
- KNOPFLI, Rui. *Memória consentida: 20 anos de poesia (1959/1979)*. Lisboa: Casa da Moeda, 1982.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- NOVAES, Adauto. *Artepensamento*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- SAÚTE, Nelson. *Nunca mais é sábado*. Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- TASENDE, Ana María Platas. *Diccionario de términos literarios*. Todos los términos imprescindibles para conocer y entender la literatura. Madrid: Espasa Calpe, 2000.

